

3ª via

RS



DISQUE M PARA MATAR

FREDERICK KNOTT

TEATRO



DISQUE "M" PARA MATAR

(Dial M for murder)

Peça policial em 3 atos

Original de: FREDERICK KNOTT

Tradução de: R. MAGALHÃES JUNIOR

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

TEATRO



DISQUE "M" PARA MATAR
(Dial M for murder)

Original de: FREDERICK KNOTT

Tradução de: R. MAGALHÃES JUNIOR

PERSONAGENS

Sheila Wendice
Max Holliday
Tony Wendice
Capitão Lesgate
Inspetor Hubbard
Voz

PRIMEIRO ATO

Quadro I



SHEILA ESCUTANDO À PORTA DO VESTÍBULO MEIO ABERTA. ELA ESPREITA AO LONGO DO CORREDOR EM DIREÇÃO À PORTA DA RUA. DEPOIS, FECHA A PORTA E VOLTA PARA MAX QUE ESTÁ OLHANDO PARA AS FOTOGRAFIAS DE TONY NA PAREDE, COM UM COPO DE BEBIDAS NA MÃO. ELE SE VOLTA AO MESMO TEMPO QUE ELA FALA:

- SHEILA - (UM TANTO PREOCUPADA) - Por um momento pensei que era Tony... Desculpe. Você estava dizendo...
- MAX - Que matei exatamente 52 pessoas desde que a vi pela última vez.
- SHEILA - (RINDO E APANHANDO SEU COPO DE BEBIDAS) - Pois é. Uma por semana. Como foi que você fez isso?... (VAI EM DIREÇÃO À ESCRIVANINHA).
- MAX - Vários métodos. Eletrocutei algumas no banheiro. Outras, fechei na garage com o motor do carro funcionando ou empurrei-as num precipício.
- SHEILA - Simplesmente conforme lhe dava na veneta?
- MAX - Escritor de novelas de rádio e televisão nem tem tempo para pensar nessas coisas.
- SHEILA - Imagine só, se você de repente se esgotasse, e não conseguisse inventar mais nada? (RINDO) - Outro drinque, Max? (AMEAÇANDO LEVANTAR-SE).
- MAX - Não, obrigado.
- SHEILA - Custei a acreditar que fosse você, quando ouvi a sua voz. Pensei que estivesse telefonando de Nova York.
- MAX - Foi o Tony que atendeu?
- SHEILA - Foi, sim. (PAUSA) - Max, eu preciso explicar umas coisas... a você... antes que o Tony chegue.
- MAX - Diga?
- SHEILA - Eu não disse nada para ele a nosso respeito.
- MAX - Ah.
- SHEILA - Ontem, quando você telefonou, eu disse simplesmente que você era um escritor de novelas de rádio, que eu conheci enquanto ele estava nos Estados Unidos.
- MAX - Bem, está perfeitamente certo.
- SHEILA - Mas há outra coisa...
- MAX - Conte.
- SHEILA - Bem... Lembra-se daquelas cartas que você me escreveu?



- MAX - Certamente.
- SHEILA - Eu as queimava depois que as lia. Achei que era a melhor. Exceto uma. Você provavelmente sabe qual...
- MAX - Posso adivinhar. Eu nunca devia tê-la escrito.
- SHEILA - Eu sei. Mas eu a queria muito. Costumava levá-la comigo para onde eu fosse. Um dia, Tony e eu fomos passar o fim de semana com uns amigos, no campo. Quando entrei no trem, notei que não tinha a minha bolsa e a carta estava dentro.
- MAX - Compreendo. Onde foi que isso aconteceu?
- SHEILA - Na estação Vitória.
- MAX - Nunca mais encontrou a bolsa?...
- SHEILA - A bolsa, sim. Uns quinze dias mais tarde, recuperei-a no depósito de objetos perdidos. Mas a carta tinha desaparecido. (PAUSA) - Uma semana depois, recebi um bilhete dizendo o que eu devia fazer para reaver a carta.
- MAX - Continue.
- SHEILA - Eu teria que sacar 50 libras no meu banco, em notas de 5 libras e depois trocá-las por notas usadas de uma libra. Dizia que se eu fosse à polícia ou dissesse à alguém, a carta seria mostrada a meu marido.
- MAX - Posso ver o bilhete? (SHEILA TIRA DO BOLSO DOIS ENVELOPES BRANCOS: ELA ENTREGA UM DESTES À MAX. ELE TIRA O BILHETE DE DENTRO E O EXAMINA) - Tudo em letra de forma e maiúscula. Qualquer pessoa poderia ter escrito isso. (SHEILA ENTREGA-LHE O OUTRO ENVELOPE)
- SHEILA - Então, dois dias mais tarde, recebi este.
- MAX - (TIRA O SEGUNDO BILHETE DO ENVELOPE OLHANDO O CARIMBO DO CORREIO) - Os dois com carimbo de Brixton. (LENDO) - "Amarre o dinheiro num pacote e ponha-o no correio para N.S.KING, rua Newport, 23, Brixton, Sudoeste 9. A senhora receberá a sua carta em troca". Que canalha!
- SHEILA - O endereço é de uma pequena tabacaria que costumam usar como posta restante. DIRIGE-SE À ESCRIVANINHA, APANHA UM CIGARRO. MAX ACENDE O.
- MAX - E você enviou o dinheiro?
- SHEILA - Enviei, sim. Mas a carta nunca me foi devolvida. Por isso, depois de esperar duas semanas, fui até lá. Disseram-me que jamais tinham ouvido falar de tal pessoa. O pacote ainda estava lá e nunca fôra aberto.

- MAX - Isso é um tanto estranho... (PÕE DE NOVO OS BILHETES NOS ENVELOPES E METE-OS NA CARTEIRA) - Posso guardá-los go?
- SHEILA - (HESITA. PAUSA) - Sim, se você quiser...
- MAX - Não contou nada a Tony?...
- SHEILA - A ninguém. (PAUSA) - Não posso compreender por que o tal homem não procurou o dinheiro.
- MAX - Provavelmente já estava na cadeia nessa ocasião. Por que foi que não me disse?
- SHEILA - Você nada poderia fazer. E, como eram apenas 50 libras, a chei melhor pagar e dar o assunto por liquidado.
- MAX - Sheila... você vai algum dia falar a Tony... a nosso respeito?
- SHEILA - (HORRORIZADA) - Não. Não seria capaz. Ele mudou muito este último ano. Agora está um modelo de marido. (ANDA ATÉ MAX, PEGA O COPO, LEVA AO BAR ONDE MISTURA BEBIDAS, LENTA E PENSATIVAMENTE) - Aliás, foi exatamente há um ano que isso aconteceu.
- MAX - Que foi que aconteceu?
- SHEILA - (DEVOLVE O COPO) - Tony mudou súbitamente. O rapaz um tanto egôísta se converteu num homem maduro. Lembra-se daquela noite em que fui dizer-lhe adeus?...
- MAX - Algum dia poderei esquecê-la? Tony tinha ido para disputar um campeonato de tenis.
- SHEILA - Pois é. Mas voltou. Quando você me deixou naquela noite, voltei para cá. Sentei-me no sofá e chorei muito. Depois, peguei no sono. Quando despertei, Tony estava em pé no vestibulo, com todas as malas e raquetes de tenis. Disse que tinha resolvido abandonar o tenis para sempre e mudar de vida.
- MAX - Assim, tão de repente?
- SHEILA LEVANTA-SE E LEVA O COPO DE MAX E O DELA PARA O APARADOR E MISTURA BEBIDAS.
- SHEILA - Exatamente. A princípio não acreditei. Mas ele cumpriu a promessa. No dia seguinte Tony arranhou um emprego. (ENTREGANDO O COPO A MAX) - Max. Bebamos a... a maneira por que tudo se resolveu...
- MAX - (LEVANTA-SE E LEVANTANDO O COPO PARA SHEILA) - ... à maneira por que tudo...
 ANTES QUE ELES POSSAM BEBER, HÁ UM SOM DE CHAVE NA PORTA DO VESTÍBULO. AMBOS VOLTAM-SE NA DIREÇÃO DA PORTA, COMO SE ISTO TIVESSE INTERROMPIDO SEU BRINDE. TONY ENTRA. TEM 34 ANOS. É UM ENCANTO AFÁVEL. SEU ESPÍRITO ESTÁ SEMPRE ATIVO E ELE HABITUALMENTE PARECE MUITO SEGURO DE SI.

- SHEILA - (BEIJA-O NA FACE E SEGURA-LHE O BRAÇO) - Até que enfim, Tony. Pensamos que você não chegasse nunca mais. Que ^é ^{isso} ^{que} ^{está} ^{fazendo} até agora?
- TONY - Desculpe, meu bem. O velho chegou exatamente quando ^{eu} ^{estava} ^{para} ^{saír}.
- ENQUANTO TONY TIRA O SOBRETUDO E PENDURA-O, MAX FICA DE PÉ, UM POUCO SEM JEITO DE FRENTE PARA O VESTÍBULO.
- SHEILA - Quero lhe apresentar Max Holliday.
- TONY - (A MAX) - Muito prazer.
- MAX - (APERTANDO-LHE A MÃO) - O prazer é meu.
- TONY - Sinto demais estar tão atrasado. Sheila se encarregou das honras da casa, não é? O seu drinque está bom?...
- SHEILA - Matamos o tempo bebendo, enquanto esperávamos por você. Querido, está ficando tarde. Você reservou os lugares?
- TONY - (TIRA OS BILHETES DE TEATRO E OLHA-OS) - Sim, para as 7 horas.
- SHEILA - (LEVANTANDO-SE) - Sete? Então, não temos tempo a perder. (INDO PARA O QUARTO DE DORMIR) - Apanhem os sobretudos.
- TONY - Querida... Acontece que...
- SHEILA - Não vai me dizer que não pode ir...
- TONY - (COM UM ENCOLHER DE OMBROS) - Temo que sim. O velho vai à Bruxelas no domingo e a primeira coisa que quer amanhã são os relatórios mensais.
- SHEILA - Oh, você não pode terminar o relatório à noite, quando voltar?
- TONY - (SACODE A CABEÇA) - Vai levar horas. Assim mesmo, vou inventar metade.
- SHEILA - Não poderia encontrar-se conosco depois do teatro? Podíamos ir a algum lugar.
- TONY - Dê-me um telefonema no intervalo. Se eu estiver inspirado, é bem possível...
- SHEILA - Faz o possível. Vou só apanhar minhas coisas, Max. (SAI PARA O QUARTO).
- TONY - Aqui estão entradas, Max.
- MAX - Muito obrigado.
- TONY - Estou sendo um pouco indelicado, não é?
- MAX - De modo algum. Mas, lamento que não possa ir.
- TONY - (IDÉIA SÚBITA) - Diga: vai fazer alguma coisa amanhã à noite?
- MAX - Amanhã é sábado. Creio que não.
- TONY - (SATISFEITO) - Ótimo. Gostaria de ir a uma reunião aqui perto.?
- MAX - Que reunião?

- TONY - Uns rapazes americanos estiveram jogando tenis na terra e vamos dar-lhes um jantar de despedida.
- MAX - Mas, eu não sou jogador de tenis.
- TONY - Não tem importância. Você conhece Nova York e talvez...
SHEILA ENTRA VINDO DO QUARTO. ESTÁ DE CASACO E TRAZ A BOLSA.
- TONY - Querida, Max irá comigo à festa amanhã à noite.
- SHEILA - Oh, ótimo. (A MAX) - Então, passe aqui primeiro, para um aperitivo.
- TONY - Boa idéia.
- MAX - Muito obrigado.
- SHEILA - Vamos. Até já Tony.
- TONY - Assim espero. (PAUSA EM QUE SLES SAEM) - Divirtam-se. MAX ABRE A PORTA DO VESTÍBULO E AMBOS SAEM, DEIXANDO A PORTA ABERTA. ALGUNS SEGUNDOS DEPOIS TONY SAI CORRENDO DO QUARTO TRAZENDO UMA GRANDE BOLSA DE ZIP. SAI PARA A ESQUERDA ATRÁS DELES. ENTÃO, ENTRA DE NOVO NO QUARTO. PODE SER OUVIDO ABRINDO A JANELA. VOZ DE TONY DO QUARTO.
- TONY - Si, Max...
- MAX - (VOZ) - Que é?...
- TONY - (VOZ) Procure vender o terceiro bilhete e tome um bom drinque à minha saúde...
(TONY FECHA A PORTA DO QUARTO. ACENDE AS LÂMPADAS E DIRIGE-SE PARA AS JANELAS FRANCESAS. FECHA AS CORTINAS. DEPOIS LEVANTA UMA CORTINA E VOLTA-SE. OLHA PENSATIVAMENTE PARA O TELEFONE. DEPOIS DE VÁRIOS SEGUNDOS, SENTA-SE À ESCRIVANINHA. AGORA ESTÁ DIFICULTADO DE CONTROLAR SUA EXCITAÇÃO. VACILA, COM U'A MÃO SOBRE O FONE, CLAREIA A GARGANTA FIGURANDO, FINALMENTE LEVANTA O FONE E DISCA UM NÚMERO).
- Alô! Quem fala ? (ESCUA) Por favor, poderia falar com o senhor Leagate ? (ESCUA) Pois não. (ESPERA) É o senhor Leagate ? (ESCUA) Aqui é Fischer. Soube que seu carro está a venda e gostaria de encontrar-me com o senhor. (ESCUA) Sim. Que tal se viesse à minha casa? Poderíamos discutir o negócio mais a vontade... (ESCUA) É que minha mulher não está e... (ESCUA) Bem, eu preferia que fosse ainda esta noite... (ESCUA) Sim, na verdade eu gostaria de fazer uma surpresa a ela... (ESCUA) Ótimo!... (ESCUA) É Charrington Gardens, 61. Pavimento térreo... (ESCUA) Dentro de uma hora... (ESCUA) Certo. Estarei...

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Telefone 226.0242 - CEP 90020-025

- TONY - Uns rapazes americanos estiveram jogando tenis na Inglaterra e vamos dar-lhes um jantar de despedida.
- MAX - Mas, eu não sou jogador de tenis.
- TONY - Não tem importância. Você conhece Nova York e tudo.
- SHEILA ENTRA VINDO DO QUARTO. ESTÁ DE CASACO E TRAZ A BOLSA.
- TONY - Querida, Max irá comigo à festa amanhã à noite.
- SHEILA - Oh, ótimo. (A MAX) - Então, passe aqui primeiro, para um aperitivo.
- TONY - Boa idéia.
- MAX - Muito obrigado.
- SHEILA - Vamos. Até já Tony.
- TONY - Assim espero. (PAUSA EM QUE ELES SAEM) - Divirtam-se. MAX ABRE A PORTA DO VESTÍBULO E AMBOS SAEM, DEIXANDO A PORTA ABERTA. ALGUNS SEGUNDOS DEPOIS TONY SAI CORRENDO DO QUARTO TRAZENDO UMA GRANDE BOLSA DE ZIP. SAI PARA A ESQUERDA ATRÁS DELES. ENTÃO, ENTRA DE NOVO NO QUARTO. PODE SER OUVIDO ABRINDO A JANELA. VOZ DE TONY DO QUARTO.
- TONY - Ei, Max...
- MAX - (VOZ) - Que é?...
- TONY - (VOZ) Procure vender o terceiro bilhete e tome um bom drinque à minha saúde...
(TONY FECHA A PORTA DO QUARTO. ACENDE AS LÂMPADAS E DIRIGE-SE PARA AS JANELAS FRANCESAS. FECHA AS CORTINAS. DEPOIS LEVANTA UMA CORTINA E VOLTA-SE. OLHA PENSATIVAMENTE PARA O TELEFONE. DEPOIS DE VÁRIOS SEGUNDOS, SENTA-SE À ESCRIVANINHA. AGORA ESTÁ DIFICULTADO DE CONTROLAR SUA EXCITAÇÃO. VACILA, COM U'A MÃO SÔBRE O FONE, CLAREIA A GARGANTA PIGARREANDO, FINALMENTE LEVANTA O FONE E DISCA UM NÚMERO).
Alô! Quem fala ? (ESCUA) Por favor, poderia falar com o senhor Lesgate ? (ESCUA) Pois não. (ESPERA) É o senhor Lesgate ? (ESCUA) Aqui é Fischer. Soube que seu carro está à venda e gostaria de encontrar-me com o senhor. (ESCUA) Sim. Que tal se viesse à minha casa? Poderíamos discutir o negócio mais a vontade... (ESCUA) É que minha mulher não está e... (ESCUA) Bem, eu preferia que fosse ainda esta noite... (ESCUA) Sim, na verdade eu gostaria de fazer uma surpresa a ela... (ESCUA) Ótimo!... (ESCUA) É Downing Street 69, em Charrington... (ESCUA) Dentro de uma hora... (ESCUA) Certo. Estarei

esperando... (ESCUA) Até mais tarde.
(TONY RECOLOCA O FONE NO GANCHO COM PROFUNDO SUSPIRO, ELE
SUCUMBE SOBRE A CADEIRA COMO SE ESTIVESSE COMPLETAMENTE E
XAUSTO COM O QUE ACABA DE FAZER).

CORTINA

..-

PRIMEIRO ATO

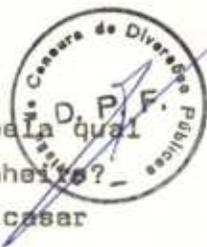
Quadro II

MESMO CENÁRIO. UMA HORA MAIS TARDE. TONY ENTRA, VINDO DO QUARTO E TRAZENDO UMA VELHA MALA DE COURO QUE COLOCA CUIDADOSAMENTE JUNTO À PAREDE AO LADO DO CABIDE DE CASACOS. DEPOIS SE VOLTA, EXAMINA A SALA, OLHA PARA AS LUVAS DE ALGODÃO POR UM MOMENTO E DEPOIS VAI APANHÁ-LAS E COLOCA-AS POLIDAMENTE NO BRAÇO ESQUERDO DO SOFÁ. CONSIDERA O EFEITO E FICA CONTENTE. ENTÃO DIRIGE-SE PARA O QUARTO E ESTÁ PRESTES A ENTRAR QUANDO A CAMPAINHA DA PORTA TOCA. TONY VACILA POR UNS INSTANTES. DEPOIS VAI ACIMA, ESCUTA E DEPOIS SAI PARA A ESQUERDA, PARA A PORTA DA RUA, DEIXANDO A PORTA DO VESTÍBULO ESCANCARADA. SOM DA PORTA DA RUA, ABRINDO E FECHANDO, E VOZES. ENTRA LESGATE SEGUIDO DE TONY, QUE FECHA A PORTA DO VESTÍBULO. TONY AFETA AGORA UMA DOLORIDA MANQUEIRA. LESGATE TEM 37 ANOS. UM CARÁTER FORTE, À SUA MANEIRA. TEM UM BIGODE MILITAR.

- TONY - Aqui estamos. Dê-me o sobretudo. (RECEBE-O E PENDURA-O) - Teve alguma dificuldade para achar o caminho?
- LESGATE - Oh, não, absolutamente.
ENTRAM NA SALA. LESGATE ESTÁ PRESTES A SENTAR-SE NO SOFÁ. TONY FAZ-LHE SINAL COM A MÃO INDICANDO A POLTRONA.
- TONY - A poltrona é mais confortável.
- LESGATE - Obrigado.
- TONY - Que tal um drinque?
LESGATE VAI PARA A POLTRONA E SENTA-SE ENQUANTO TONY MANQUEIA PARA O PORTA BEBIDAS. LESGATE OBSERVA-O CURIOSAMENTE POR ALGUNS INSTANTES.
- LESGATE - Tenho a impressão de que já o vi antes em alguma parte...
- TONY - (OLHANDO PARA CIMA CURIOSAMENTE) - Engraçado que tenha dito isso. No momento em que abri a porta eu... (SÚBITO PARA)



- Espere um instante... Lesgate?... Você não é Lesgate!
... É Swann... O.J.Swann. Ou era C.A. Swann?...
- LESGATE - C.A... Você tem melhor memória do que eu... Fischer?...
Quando foi que nos conhecemos?...
- TONY - Você não estava em Cambridge?
- LESGATE - Estive, sim.
- TONY - Deve ter sido há 20 anos. Você não se lembraria de mim...
Entrei quando você já estava no último ano.
- LESGATE - Veja só como o mundo é pequeno. A propósito, como soube
que meu carro estava à venda?
- TONY - (SERVE CONHAQUE NOS DOIS COPOS ANTES DE RESPONDER) - Na
sua garage.
- LESGATE - Não me lembro de ter mencionado isto por lá. Sabe de uma
coisa? Penso que já vi você depois que deixamos a Univer
sidade.
- TONY - Já esteve em Wimbledon?
- LESGATE - Isso mesmo: Wendice. Tony Wendice... (PERPLEXO) - Mas
que significa esse nome de Fischer?
- TONY - (COM UM OLHAR IRRITANTE) - Que história é essa de Lesga
te?
(LESGATE PARECE EMBARAÇADO) - Aceita um charuto?
- LESGATE - Não, obrigado. (TIRANDO O CACHIMBO) - Acho que vou fumar
o meu cachimbo...
- TONY - Eu sempre me lembro de você por causa do baile de forma
tura. Você era o tesoureiro...
- LESGATE - Tesoureiro honorário. Eu sempre me metia a organizar es
sas chateações.
- TONY - Pois é. E uma parte do dinheiro dos convidados foi rouba
do, não?
- LESGATE - Foi. Quase umas cem libras. Eu deixei numa caixa, na ga
veta da minha escrivaninha. Na manhã seguinte, tinha de
saparecido. Isso ainda hoje me faz suar frio. (OLHANDO
EM VOLTA DA SALA) - Bem, o seu apartamento é bastante
confortável.
- TONY - (MODESTAMENTE) - Minha mulher tem algum dinheiro.
- LESGATE - E as pessoas que tem dinheiro não imaginam como são feli
zes. Eu já estou resignado a viver com o pouco que posso
ganhar...
- TONY - (PAUSA, PENSATIVO) - Ainda pode casar-se por dinheiro...
- LESGATE - (PAUSA) - Pois é... Existe quem faça disso um negócio.



- TONY - (TRANQUILO) - Eu sei que fiz.
- LESGATE - (RINDO) - Bem... você quer dizer que a moça pela qual se apaixonou por coincidência tinha algum dinheiro?
- TONY - Não. (PAUSA) - Eu sempre tive intenção de me casar por dinheiro.
- LESGATE - (GRACEJANDO) - E ela? Por que se casou com você?
- TONY - (SIMPLESMENTE) - Porque eu era um astro de tenis. Ela jamais se teria casado com um simples caixeiro viajante.
- LESGATE - Mas você abandonou o tenis. E ela não deixou você. (PAUSA).
- TONY - Faltou pouco. (COMEÇA A LEVANTAR-SE UM TANTO DOLORIDAMENTE).
- LESGATE - (LEVANTANDO-SE) - Não se incomode, Wendice. Você, com o pé nesse estado...
- TONY - Oh, obrigado, meu velho. Vamos colocar aquela garrafa aqui, a mão. Não é melhor assim?
- LESGATE - Boa idéia.
- LESGATE APANHA A GARRAFA NA MESA OBLONGA. ENCHE O COPO DE TONY E DEPOIS O SEU PRÓPRIO. TONY OBSERVA-O O TEMPO TODO. LESGATE PÕE A GARRAFA EM CIMA DA MESA E SENTA-SE.
- TONY - Gostaria de saber como foi?
- LESGATE - Como foi o que?
- TONY - A minha mulher... como foi que ela quase me deixou.
- LESGATE - Como você quiser... Você é o anfitrião...
- TONY - Para lhe ser franco, você bem poderia me ajudar. Um conselho entre homens... Você compreende...
- LESGATE - Estou às ordens.
- TONY - Depois que nos casamos joguei em vários campeonatos, e Sheila sempre ia comigo. Mas creio que ela achava isso um tanto duro. Afinal, entramos num acordo. Fui sozinho aos Estados Unidos para a temporada passada. Logo que voltei compreendi que muita coisa havia acontecido enquanto estive ausente. Era simples: ela não me amava mais. Havia chamadas telefônicas que terminavam de súbito quando eu chegava. Um dia tivemos uma discussão. Eu queria jogar num torneio e como de hábito ela não queria que eu fosse. Eu estava no quarto. O telefone tocou. Tudo pareceu rápido demais. Depois disso, mostrou-se repentinamente interessada em que eu fosse ao torneio. Afinal, arrumei as minhas coisas no automóvel e parti. Deixei o carro parado duas ruas adiante e voltei, a pé.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone 226.0242 - CEP 90020-025

Depois de dez minutos ela saiu de casa e tomou um taxi. Eu tomei outro. (PAUSA) - A pessoa que ela foi visitar morava num estúdio em Chelsea. Pude ver os dois através da janela do estúdio. Então fui embora e comecei a imaginar o que seria de mim se ela me deixasse. Teria que procurar um meio de ganhar a vida. Pensei em três modos diferentes de matá-lo. Pensei até em matar a ela. Voltei para cá. Ela já havia regressado. Estava sentada precisamente aí, onde você está. Eu disse que decidira abandonar o tenis para me dedicar a ela. (PAUSA).

LESGATE-E então?

TONY -Pelo que aconteceu depois vi que não devia ter me preocupado. Aquela noite tinha sido uma espécie de despedida. O rapaz foi chamado para Nova York. De lá vieram as longas cartas. Ela queimou todas... exceto uma que costumava mudar de uma bolsa para outra. Estava sempre com ela. (PAUSA) - Para mim essa carta tornou-se uma obsessão. Eu tinha que saber o que ela diria. Finalmente consegui. Foi uma leitura interessante.

LESGATE-Quer dizer que você a furtou?

TONY -Sim. E até mandei-lhe dois bilhetes anônimos exigindo dinheiro para eu devolver a carta.

LESGATE-Mas, porque?

TONY -Estava certo de que isso faria com que ela me contasse tudo. Mas não o fez. Portanto, fiquei com a carta...

LESGATE-Porque está me contando essas coisas?... (PAUSA).

TONY -Porque... porque sei que é a única pessoa em quem posso confiar.

LESGATE PARECE PERPLEXO MAS NÃO DIZ NADA. TONY TIRA A CARTEIRA DO BOLSO E EXTRAÍ UM ENVELOPE, TENDO O CUIDADO DE SEGURÁ-LO PELA EXTREMIDADE. DEIXA-O CAIR. LESGATE O APANHA E O ENTREGA A TONY QUE O GUARDA NOVAMENTE.

TONY -De qualquer maneira, isso serviu. Deve ter infundido neles um grande temor, porque as cartas cessaram e... desde então, vivemos felizes. Engraçado como há um ano atrás eu estava realmente planejando matá-la, naquele bar. E poderia tê-lo feito... se não tivesse visto algo que me fez mudar de idéia.

LESGATE-Bem, o que foi que viu?

TONY -(FIXA O OLHAR EM LESGATE POR ALGUNS SEGUNDOS COMO SE ELE

FOSSE ALGO NUMA CAIXA DE VIDRO. CALMAMENTE)
(LONGA PAUSA)

- LESGATE - A mim? Que houve de tão estranho nisso?
- TONY - Coincidência. Você compreende. Uma semana antes, estive num jantar com os nossos antigos colegas e falamos a seu respeito. Do caso de você ter sido julgado pela côrte marcial durante a guerra. Do ano de prisão a que fôra condenado. Esse foi o assunto do dia. Imagine, já na Universidade prevíamos que o velho Swann acabaria na cadeia... Deve ter sido por causa daquela caixa de dinheiro...
- LESGATE - O que é que tem?
- TONY - (GARGALHANDO) - Meu velho... todo mundo estava farto de saber que você empalmou aquele dinheiro.
- LESGATE - (LEVANTA-SE) - Bem, obrigado pelo drinque. Foi realmente interessante ouvir você falar acerca de suas encrenças matrimoniais. (INDO PARA O VESTÍBULO) - Já vi que você não quer mesmo o carro.
- TONY - Você não quer saber porque o fiz vir aqui?
- LESGATE - Acho melhor.
- DURANTE O SEU DISCURSO TONY LEVANTA-SE DO SOFÁ. APA-NHA O CINZEIRO DA MESA REDONDA E DESPEJA A CINZA DO CACHIMBO DE LESGATE DENTRO DUM ENVELOPE QUE TINHA NO BOLSO. DEPOIS PUXA O LENÇO E LIMPA CUIDADOSAMENTE O CINZEIRO, PARTE DA MESA REDONDA E O EXTERIOR DO COPO DE CONHAQUE DE LESGATE. FINALMENTE, LIMPA A GARRAFA DE CONHAQUE. LESGATE ESTÁ DE PÉ NO VESTÍBULO OBSERVANDO-O.
- TONY - Quando vi você naquele bar, para mim ficou tudo perfeitamente claro. Segui-o à sua casa naquela noite. Olhe, meu velho, você se incomodaria de me passar este copo? Muito obrigado... E, desde então, tenho estado a segui-lo.
- LESGATE - (SORRI INOCENTEMENTE) - Porque?
- TONY - Porque eu esperava que mais cedo ou mais tarde viria apanhá-lo em alguma falta e então poderia...
- LESGATE - Fazer chantagem?
- TONY - Influenciar você. Você ia sempre às corridas de cães, às segundas e quintas-feiras. Eu também ia, só para estar perto de você. Então você já tinha mudado seu nome para Adams.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone 226.0242 - CEP 90020-025

- LESGATE - Sim, eu me aborreci de Swann. Há algum crime nisso?
- TONY - Não. Nenhum. De repente, você sumiu de sua pensão. Por isso telefonei à sua senhoria. Ela parecia bastante interessada em descobrir o seu paradeiro. - "O senhor Adams - disse-lhe eu - deve-me 5 libras". Isso não a impressionou. O senhor Adams lhe devia seis semanas de aluguel e 55 libras à sua melhor hóspede.
- LESGATE ANDA PARA A MESA E ESTENDE A MÃO PARA A GARRAFA.
- TONY - Olhe, meu velho. Se quer tomar outro drinque, faça-me o favor de calçar essa luva.
- LESGATE OLHA PARA AS LUVAS NO BRAÇO DA CADEIRA, MAS NÃO AS APANHA. AO INVÉS, FICA DE PÉ COM OS BRAÇOS CRUZADOS, AS COSTAS PARA O FOGO E FECHA A CARA PARA TONY, QUE AGORA ESTÁ ANDANDO PELA SALA.
- TONY - Onde estávamos nós? Oh, sim. Eu o havia perdido de vista, mas tornei a encontrá-lo nas corridas de cães e seguí-o até seu novo alojamento. Apartamento 127, Carlisle Mansions. Ocupante do apartamento: uma mulher, uma senhora Meretti. Seu falecido marido deixou-lhe dois hotéis e um grande prédio de apartamentos mobiliados. Que base de operação, Capitão Lesgate!
- LESGATE - (CALMAMENTE) - Onde é o distrito policial, mais próximo?
- TONY - Do outro lado da Igreja.
- LESGATE - E se eu fosse até lá?
- TONY - Para dizer o que?
- LESGATE - Diria simplesmente que você está tentando fazer chantagem comigo para...
- TONY - Para...?
- LESGATE - Para matar sua mulher. (PAUSA)
- TONY - Sabe que quase desejaria que fosse mesmo ao distrito? Quando ela soubesse disso, daria a melhor gargalhada de sua vida.
- LESGATE - Suponhamos que eu conte à polícia como você a seguiu até aquele estúdio em Chelsea. Isso não daria um certo efeito?
- TONY - Certamente que sim. Elas presumiriam que você mesmo a seguiu até lá.
- LESGATE - Eu?



- TONY - Porque iria você roubar a bolsa dela? Porque havia de escrever aqueles bilhetes de chantagem? Pode provar que não o fez?... O certo é que você não poderá provar que fui eu. Seria apenas a sua palavra contra a minha. Eu poderia dizer que você veio aqui esta noite, meio bêbado, e tentou obter dinheiro emprestado, sob o pretexto de termos sido colegas de Universidade. Quando me recusei, você então insinuou algo a respeito de uma carta pertencente à minha mulher. Pelo que pude compreender, você oferecia essa carta à venda. Eu lhe dei todo o dinheiro que tinha e você me deu a carta. Ela tem as suas impressões digitais. Lembra-se?
(TONY BATE COM A MÃO NO BOLSO DO PEITO).
- LESGATE - Porque pensa que vou concordar?
- TONY - Pela mesma razão que um burro, com uma cenoura na frente e um chicote atrás, vai para diante.
- LESGATE - Vamos conversar sobre cenoura.
LONGA PAUSA. TONY OLHA DIRETO PARA LESGATE.
- TONY - Mil libras em dinheiro.
LONGA PAUSA. LESGATE LEVANTA O OLHAR PARA TONY E SEUS OLHOS SE ASSOMBRAM.
- LESGATE - Por um assassinato?
- TONY - Por um trabalho de poucos minutos. Isso deve ser muito tentador para você, que costuma andar na corda bamba.
- LESGATE - Essas mil libras onde estão?
- TONY - (INDO PARA A ESCRIVANINHA) - Oh, não tudo de uma vez. E eles não poderão encontrar pista que leve a mim. (ABRE A GAVETA DA ESCRIVANINHA E USANDO O LENÇO PEGA UM EMBRULHO DE NOTAS DE UMA LIBRA, ATIRA ESTE ATRAVÉS DA SALA DE MODO QUE O PACOTE CAI EM CIMA DO SOFÁ) - Pode levar essas 100 por conta.
- LESGATE - (OLHA PARA O EMBRULHO MAS NÃO TOCA NELE) - A polícia não terá mais nada a fazer do que seguir a pista de uma destas notas e nós seríamos enforcados na mesma corda.
- TONY - Eles não o farão. Durante um ano inteiro estive fazendo uma retirada de 20 libras por semana. Sempre em notas de cinco. Depois trocava-as por estas nas minhas horas de folga.
- LESGATE - Onde está o resto?
- TONY - Numa pequena valise num depósito de bagagens.
- LESGATE - Onde?



- TONY - Em algum lugar de Londres. Certamente, não nos encontramos remos mais. Logo que fizer a entrega da mercadoria, eu lhe mandarei pelo correio o recibo do depósito de bagagens e a chave da valise.
- LESGATE - Para quando é?
- TONY - Amanhã de noite?
- LESGATE - Onde?
- TONY - Mais ou menos no lugar onde você está agora.
- LESGATE REAGE A ISTO DEPOIS DE UMA CONSIDERÁVEL PAUSA.
- LESGATE - (CALMAMENTE) - De que jeito?
- TONY - Amanhã à noite, aquele amigo que se chama Holliday, e eu, sairemos para uma reunião só para homens, aqui mesmo no bairro. Ela ficará em casa. Vai se recolher e escutar na cama o teatro dos sábados. Ela sempre faz isso quando estou fora. Faltando exatamente 2 minutos para as onze, você entrará pela porta da rua. (INDO PARA O VESTÍBULO) - A chave da porta você vai achar debaixo do tapete da escada, aqui!
- TONY ABRE A PORTA DO VESTÍBULO E A DEIXA ESCANCARADA. OLHA EM VOLTA PARA VER SE NINGUÉM ESTÁ OBSERVANDO. DEPOIS APONTA PARA UM DOS DEGRAUS QUE ESTÁ CLARAMENTE VISÍVEL ATRAVÉS DA PORTA ABERTA. ELE CORRE O DEDO PARA BAIXO NUMA LINHA IMAGINÁRIA INDICANDO QUE O DEGRAU PARTICULAR ESTÁ DIRETAMENTE ACIMA DA MAÇANETA DA PORTA DO DEPÓSITO AD PÉ DA ESCADA. ENTÃO ENTRA E FECHA A PORTA DO VESTÍBULO.
- LESGATE - No quinto degrau.
- TONY - É nessa. Vá direto à janela e esconda-se atrás da cortina. (PAUSA) - Exatamente às onze horas, irei ao telefone do hotel para telefonar ao meu chefe. Discarei o número errado... êste número. É só o que vou fazer. (PAUSA) - Quando a campainha tocar, você verá a luz acender por baixo da porta do quarto. Quando ela abrir a porta do quarto, a luz atravessará a sala.
- TONY - Por isso, não se mova até que ela apanhe o fone. (PAUSA) - Vê se faz o menor barulho possível. (PAUSA) - Quando tiver acabado, apanhe o fone, dê um pequeno assovio. Depois, ponha o fone no gancho. Não fale, aconteça o que acontecer. Eu também não direi nada. Quando ouvir seu assovio, desligarei e discarei de novo, desta vez o número certo. Falarei com o meu chefe, como se nada tivesse acontecido, e voltarei para a reunião.

- LESGATE - (OLHANDO EM VOLTA) - E depois, o que é que vai acontecer?
Continue...
- TONY - (APANHA A MALETA DE COURO) - Você achará esta maleta aqui, com algumas roupas para o tintureiro. Abra-a e despeje as roupas no chão. (TONY ABRE A MALETA. NÃO HÁ NADA DENTRO DELA. LEVA-A À LAREIRA E PÕE-NA NO CHÃO. APONTA PARA OS TROFÉUS EM CIMA DA PRATELEIRA DA LAREIRA) - Encha a maleta com a cigareira e algumas destas taças. (FECHANDO A TAMPA) - Feche a tampa, mas não meta as linguetas nas fechaduras. (PAUSA) - Depois, deixe-a aqui, exatamente como está agora.
- LESGATE - Como se tivesse sido abandonada às pressas.
- TONY - Exatamente. Agora, a janela. Se estiver fechada, abra-a e deixe-a aberta. (PAUSA) - Depois saia exatamente como você entrou.
- LESGATE - (INDICANDO A PORTA DO VESTÍBULO) - Por aquela porta?
- TONY - Sim... e aqui está a coisa mais importante:... quando você sair, reponha a chave no lugar onde você a encontrou.
- LESGATE - Debaixo do tapete da escada?
- TONY - Sim.
- LESGATE - (OLHANDO EM VOLTA DA SALA EMBARAÇADO) - O que é que vão supor que tenha acontecido?
- TONY - Vão pensar que você entrou pela janela. Você pensou que o apartamento estivesse vazio, de modo que tomou a mala e começou a agir. Ela ouviu algum ruído e acendeu a luz do quarto. Você viu a luz acender-se por baixo da porta e escondeu-se atrás das cortinas. Quando ela chegou aqui você a atacou antes que ela pudesse gritar. Quando você compreendeu que de fato a havia matado, ficou em pânico e disparou pelo jardim, abandonando tudo.
- LESGATE - Um momento... deve-se supor que eu tenha entrado pela porta do jardim. E se suspeitassem que ela estava fechada, antes de eu entrar?
- TONY - Ela muitas vezes dá um passeio pelo jardim, antes de ir dormir, e frequentemente se esquece de fechar o trinco. Eu direi isso à polícia.
- LESGATE - (VOLTANDO À PORTA DO VESTÍBULO) - Muito bem. Eu deixo o apartamento, reponho a chave debaixo do tapete da escada e saio pela porta da rua. Quando é que você vai voltar?
- TONY - Por volta da meia-noite. Trarei Holliday comigo para tomar um drinque, de modo que nós a encontraremos juntos. E



como estivemos juntos desde que a deixamos, meu álibi.

LESGATE OLHA EM VOLTA DA SALA PROCURANDO VISUALIZAR COISAS. DIRIGE-SE LENTAMENTE PARA A PORTA DO VESTÍBULO, ABRE-A ALGUNS CENTÍMETROS E OLHA NA DIREÇÃO DA ESCADA. DEPOIS DE ALGUNS SEGUNDOS, FECHA-A E VOLTA-SE PARA TONY.

LESGATE - Você esqueceu alguma coisa.

TONY - O que?

LESGATE - Quando você voltar como é que vão entrar no apartamento?

TONY - Usando a minha própria chave.

LESGATE - Mas a sua chave estará debaixo do tapete da escada. E forçosamente ele verá você apanhá-la. Isso acabará com toda a encenação.

TONY - Não, não vai ser a minha chave que estará debaixo do tapete. Será a dela. Eu vou apanhá-la na sua bolsa e escondê-la pouco antes de deixar o apartamento. Sheila não vai sair, de modo que não sentirá a falta da chave. Quando eu voltar com Holliday, usarei a minha própria chave para entrar. Enquanto ele estiver dando buscas no jardim, ou em qualquer outro lugar, eu tirarei a chave debaixo do tapete e a colocarei na bolsa dela, antes da polícia chegar.

LESGATE - Quantas chaves tem aquela porta?

TONY - Só a dela e a minha.

A CAMPAINHA DO TELEFONE COMEÇA A TOCAR. TONY HESITA, INCERTO SE DEVE ATENDER. ENTÃO VAI PARA O LADO MAIS DISTANTE DA ESCRIVANINHA, DE MODO QUE FICA SE DEFRONTANDO COM LESGATE, E COM AS COSTAS VOLTADAS PARA A JANELA, A PANHA O FONE.

TONY - Maida Vale, zero, quatro, zero, um... (DELEITANDO) - Alô, querida. Então? Que tal o espetáculo? (ESCUA POR VÁRIOS SEGUNDOS) - Max está gostando? Ótimo. Eu estou com um pouco de sono. Fiz café para ver se consigo manter-me acordado. Ah, querida, um momento. Acho que tem alguém na porta. (A LESGATE) - Cuidado, a janela do quarto dá para a rua... Desculpe, querida, foi alarme falso... Creio que tãp cedo não terminarei... Mal estou começando. (ESCUA) - Não, claro que não me incomodo. Que é que você quer fazer? Dançar?... Leve-o ao Gerry... basta dar o meu nome. Não conheço a orquestra,

mas a comida é boa... Eu abri uma lata daquela conserva...
 A propósito, sua amiga Maureen telefonou logo depois
 você sair. Quer que vamos jantar com ela na quarta-feira.
 Você escreveu alguma coisa no seu diário, mas não consigo
 entender a sua letra. (OLHA PARA O DIÁRIO) - Parece Al...
 Bentall. Quem é ele? Outro dos seus amigos?...Oh, Albert
 Hall, decerto... Estou tão contente que não vamos poder
 ir à casa de Maureen. A cozinha dela é péssima... Muito
 bem... (RI) - Até logo... querida, divirta-se... (PÕE O
 FONE NO GANCHO E OLHA PARA LESGATE).

AÇÃO DE LESGATE DURANTE A CONVERSÇÃO TELEFÔNICA ACIMA: LO
 GO QUE TONY COMEÇA A FALAR, LESGATE APANHA AS LUVAS DE AL-
 GODÃO DA CADEIRA DE BRAÇOS E CALÇA-AS. ENTÃO, ANDA EM VOL-
 TA DA SALA COMO SEGUE: ABRE A PORTA DO QUARTO E ENTRA NELE.
 PODE-SE OUVI-LO FECHANDO AS CORTINAS DA JANELA DO QUARTO.
 ACENDE A LUZ DO QUARTO E DEIXANDO A PORTA ESCANCARADA, A-
 TRAVESSA PARA O INTERRUPTOR DE LUZ DA SALA E APAGA-A, DE
 MODO QUE A SALA AGORA ESTÁ ILUMINADA APENAS PELA LUZ DO
 QUARTO. ATRAVESSA PARA TRÁS DE TONY PARA AS CORTINAS E ME-
 TE-SE ATRÁS DELAS. PUXA A CORTINA PARA O LADO. DESENFERRO-
 LHA A JANELA, ABRE-A E ESPREITA PARA DENTRO DO JARDIM. DE-
 POIS ABRE E FECHA A JANELA DUAS VEZES COMO SE FOSSE VER SE
 RANGIA. AFERROLHA A JANELA E FECHA A CORTINA. ACENDE AS LU-
 ZES, VAI PARA O QUARTO, APAGA A LUZ DO QUARTO, E FECHA A
 PORTA. DEPOIS ANDA PARA O SOFÁ E CONTEMPLA O PACOTE DE NO-
 TAS. ENQUANTO FAZ ISSO TONY PÕE O FONE NO GANCHO E OLHA PA-
 RA ELE.

TONY - Então?

LESGATE- (APANHA AS NOTAS E DESLIZA O POLEGAR NA PONTA FAZENDO-AS
 RESVALAR COMO UM BARALHO DE CARTAS. DEPOIS TRANQUILAMENTE
 FAZ UM SINAL DE CABEÇA) - Fechado.

ENQUANTO LESGATE COLOCA AS NOTAS NO BOLSO INTERIOR O PANO
 CAI.

FIM

DO

PRIMEIRO

ATO.

SEGUNDO ATOQuadro I

- CENÁRIO - O MESMO. ÀS PRIMEIRAS HORAS DA NOITE DE SÁBADO. AS COR
TINAS ESTÃO FECHADAS. O FOGO ESTÁ ARDENDO VIVAMENTE NA
 LAREIRA. A MALA DE COURO ESTÁ COMO ANTES, AO LADO DO
 CABIDE DE CASACOS. SHEILA E MAX ESTÃO SENTADOS NO SOFÁ.
 ELA LHE ESTÁ MOSTRANDO UM ÁLBUM DE RECORTES DE JORNAIS.
 HÁ OUTROS RECORTES E JORNAIS DOBRADOS EM CIMA DA MESA
 REDONDA, EM FRENTE DELES. TONY ESTÁ NA PORTA BEBIDAS
 MISTURANDO COQUETÉIS. ESTÁ VESTINDO UM "DINNER-JACKET".
 MAX ESTÁ COM UM "DINNER-JACKET" MAIS SIMPLES, O QUE A-
 PRESENTOU NO PRIMEIRO ATO. SHEILA NÃO ESTÁ USANDO ROU-
 PA DE "SOIRÉE".
- QUANDO O PANO SOBE TODOS ESTÃO RINDO.
- TONY - ...depois disso, ele perdeu a calma e não ganhou mais
 o jogo.
- SHEILA - (A TONY) - Onde é que está a fotografia do Marajá?
- TONY - (INDO PARA O SOFÁ) - Está entre esses recortes soltos.
 (SHEILA PROCURA ENTRE OS RECORTES EM CIMA DA MESA REDON-
 DA) - Ele tinha 4 automóveis de luxo e jóias capazes
 de afundar um navio. Mas, a maior ambição dele realmen-
 te era jogar tênis em Wimbledon.
- SHEILA - Como é que vocês não escrevem um livro juntos? Poderia
 ser uma novela policial, dentro do ambiente de tênis.
- TONY - "Crime da raquete quebrada" ou "Assassinato na quadra
 de tênis". Que me diz a isto, Max? Você quer me forne-
 cer a fórmula de um crime perfeito?
- MAX - Bem que eu gostaria.
- SHEILA - (A MAX) - Você acredita mesmo em crime perfeito?
- MAX - Absolutamente. Só mesmo em livro.
- TONY - Porque não?
- MAX - Porque... só nas histórias que escrevemos as coisas sa-
 em sempre como o autor as planeja. Na vida real... nem
 sempre.
- TONY - (RI E LANÇA UM OLHAR EM VOLTA PARA O RELÓGIO) - Creio
 que seria melhor acabarmos os nossos drinques. (TERMINA
 A BEBIDA).
- Max - Perfeitamente.
- TONY - (A SHEILA, ENQUANTO SE DIRIGE PARA O VESTÍBULO) - A pro-
 pósito, querida. Será que eu lhe emprestei a minha cha-
 ve? Não consigo achá-la em parte alguma.
- SHEILA - (LEVANTANDO-SE) - Talvez eu tenha as duas na minha bol-



sa. Vou ver.

SHEILA SAI PARA O QUARTO. MAX VAI PARA O VESTÍBULO, APANHA O SOBRETUDO. TONY VAI PARA AS JANELAS FRANCESAS DE SAFERROLHA E ABRE UMA JANELA E ESPREITA PARA FORA.

- TONY - Chovendo torrencialmente. Posso lhe emprestar uma capa velha, se você quiser.
- MAX - (APANHA O SOBRETUDO) - Este é o bastante. Não é muito longe, é?
- TONY - Não. Dois ou três quarteirões apenas.
TONY FECHA A JANELA MAS NÃO O FERROLHO. OLHA MAX PARA VER SE ELE ESTÁ OLHANDO. MAS ESTE ESTÁ VESTINDO O SOBRETUDO E ESTÁ DE COSTAS PARA TONY. TONY FECHA AS CORTINAS. SHEILA ENTRA VINDO DO QUARTO E TRAZENDO UMA BOLSA. ABRE A E TIRA DE DENTRO UMA BOLSINHA DE FECHO "ECLAIR" E DESTA TIRA A CHAVE.
- SHEILA - Só tenho uma aqui. Você está certo de que a sua mão está no seu sobretudo?
- TONY - Estou. Já procurei lá. Poderia me emprestar a sua?
- SHEILA - Eu posso querer sair. (PAUSA)
- TONY - Esta noite?
- SHEILA - Sim, porque não? Poderia ir a um cinema ou qualquer outro lugar.
- TONY - Mas, você não vai ouvir o teatro dos sábados?
- SHEILA - Não. É uma peça de terror. Não gosto de peças que me metam medo quando estou sôzinha.
- TONY - (DERRUBA A CHAVE DE UMA DAS LUVAS. APANHA-A) - Ora, vejá-
jam só. Estava com a chave dentro da minha luva todo esse tempo e não sabia. (PÕE A CHAVE NO BOLSO DA CAPA).
- SHEILA - Assim está resolvido.
GUARDA NOVAMENTE A CHAVE NA BOLSA DE FECHO "ECLAIR", PÕE ESTA DENTRO DA BOLSA GRANDE. FECHA-A E DEIXA-A EM CIMA DA MESA OBLONGA.
- TONY - (ALEGREMENTE) - Que cinema você vai?
- SHEILA - Acho que vou ao Clássico. Não me obrigue a ficar em casa. Você sabe que eu detesto ficar aqui, sem ter nada para fazer.
- TONY - (ANDA PARA A MESA REDONDA E APANHA O ÁLBUM DE RECORTES DE JORNAIS) - Nada? Que me diz dos meus recortes? É uma oportunidade ideal para você fazer o que me prometeu...
- SHEILA - (SEM ENTUSIASMO) - Oh... (PÕS O ÁLBUM EM CIMA DA ESCRIVANINHA) - E a cola?
- TONY - Há um pouco ali no aparador.
- SHEILA - Ótimo. E uma tesoura? Ah, está na cesta de costuras.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835
Fonn 226.0242 - CEP 90020-025



TONY VAI À CESTA DE COSTURAS, ABRE-A. OLHA DEBAIXO DAS MEIAS DE SHEILA E TIRA UMA TESOURA COMPRIDA DO UM VIDRO DE COLA VAZIO.

TONY - Veja só, está vazio.

SHEILA - (EXASPERADA) - Tinha que estar.

TONY PÕE A TESOURA EM CIMA DA ESCRIVANINHA E OLHA PARA O VIDRO DE GOMA VAZIO QUE SHEILA SEGURA.

MAX - Porque você mesma não faz a cola? Você precisa de um pouco de farinha de trigo e amido.

TONY - (ESPERANÇOSO) - Boa idéia. Você sabe fazer, Max?

MAX - (INDO PARA A COZINHA) - Sim. Num instante.

TONY - Você é um camaradão. (A SHEILA) - Desculpe, querida. Fui indelicado?

SHEILA - Não tem importância.

MAX - (DA COZINHA) - Onde está o amido?

SHEILA - Vou mostrar.

SHEILA SAI PARA A COZINHA. PODE-SE OUVI-LA FALANDO COM MAX, ATRAVÉS DA PORTA. TONY OLHA PARA A MESA OBLONGA DO OUTRO LADO. RÁPIDAMENTE OLHA NA DIREÇÃO DA COZINHA E DEPOIS DIRIGE-SE PARA A BOLSA DE SHEILA E ABRE-A. TIRA A BOLSINHA DE DENTRO. ABRE-A E TIRA A CHAVE E PÕE-NA EM CIMA DA MESA. DEPOIS FECHA A BOLSA, DEIXANDO-A EXATAMENTE NA MESMA POSIÇÃO DE ANTES. APANHA A CHAVE DE SHEILA E VAI ABRIR A PORTA, DEIXANDO-A ESCANCARADA. ENTÃO OLHA AO LONGO DO CORREDOR E PARA O PATAMAR DA ESCADA ACIMA. DEPOIS LEVANTA O TAPETE E COLOCA A CHAVE DEBAIXO DO TAPETE. AO MESMO TEMPO QUE ELE FAZ ISSO SHEILA DÁ UMA PEQUENA GARGALHADA NA COZINHA. TONNY VOLTA-SE UM POUCO ASSUSTADO. AO MESMO TEMPO QUE ELE VOLTA PARA A SALA, SHEILA ENTRA, VINDO DA COZINHA, COM UMA XÍCARA GRANDE E UMA COLHER. MAX SE GUE-A.

SHEILA - Parece molho branco.

TONY - Deixe a lareira acesa para nós, querida.

SHEILA - Deixo, sim. Bem, juízo, vocês dois.

MAX - Boa Noite, Sheila.

SHEILA - Boa noite, Max. (A TONY) - Vai levar Max para casa com o carro, não é, querido?

TONY - Certamente. Vamos passar por aqui primeiro, para tomar um bom conhaque. Você estará acordada?

SHEILA - Estarei ferrada no sono. E não quero ser acordada.

TONY - Então, procuraremos ser silenciosos como dois ratinhos... Boa noite, querida.



SHEILA - Boa noite.
TONY - Max, vamos. (SAEM).

SHEILA ACENDE A LÂMPADA DE PEDESTAL E APAGA AS DEMAIS LUZES. DEPOIS ATRAVESSA PARA O RÁDIO E LIGA-O. VOLTA PARA O SEU TRABALHO. PARECE FELIZ. DESDOBRA UMA FOLHA DE JORNAL, APANHA A TESOURA E COMEÇA A CORTÁ-LA.

SEGUNDO ATO

Quadro II

O MESMO CENÁRIO. MAIS TARDE, NA MESMA NOITE. DURANTE ESTE QUADRO AS LUZES SE APAGAM, PARA DENOTAR UMA PASSAGEM DE ALGUNS MINUTOS. SHEILA TERMINOU DE COLAR OS RECORTES DE JORNAIS DE TONY E DEIXOU O ÁLBUM ABERTO EM CIMA DA ESCRIVANINHA. AO LADO DO ÁLBUM JAZEM ALGUNS PEDAÇOS DE JORNAL E; A TESOURA. A CESTA DE PAPÉIS IMPRESTÁVEIS ESTÁ TRANSBOR DANDO DE PEDAÇOS DE JORNAIS CORTADOS. A SALA ESTÁ ILUMINA DA APENAS PELA LUZ DA LAREIRA, QUE AINDA ESTÁ ACESA. O RÁ DIO FOI REMOVIDO PARA O QUARTO E PODE SER OUVIDO DURANTE TODA A AÇÃO DO QUARTO. A LUZ DO QUARTO ESTÁ ACESA. DEPOIS DE ALGUNS SEGUNDOS, HÁ O SOM DE UMA CHAVE SENDO INTRODUI DA NA PORTA DO VESTÍBULO. ENTÃO A PORTA SE ABRE MAS APE NAS CERCA DE DUAS POLEGADAS, COMO SE ALGUÉM ESTIVESSE ES CUTANDO. MAIS ALGUNS SEGUNDOS E LESGATE ENTRA. ELE FICA DE PÉ NA ENTRADA, COMPLETAMENTE SILENCIOSO, ESCUTANDO, MAS SEM CHAPÉU. FECHA A PORTA, SEM RUÍDO, EXCETO O ESTALO FI NAL DO TRINCO QUANDO FECHA. ENQUANTO ATRAVESSA SILENCIOSA MENTE PARA AS PORTAS ENVIDRAÇADAS, TIRA O "CACHEENE" E DÁ DOIS NÓS NESTE.

NOTA: ESTE "CACHEENE" DEVE TER EXTREMIDADES DE BORLA, PA RRA DAR ÊNFASE, MAIS TARDE, AO FATO DE QUE É UM "CACHEENE". E DEVE SER DE SEDA E DE COR CASTANHA, DE MODO QUE SHEILA PUDESSE CONFUNDÍ-LA COM UMA MEIA.

ELE SE OCULTA ATRÁS DAS CORTINAS; DEPOIS DE VÁRIOS SEGUN DOS, O TELEFONE COMEÇA A TOCAR. APÓS ALGUM TEMPO SHEILA ENTRA VINDO DO QUARTO. ELA DEIXA A PORTA ESCANCARADA E A LUZ DE LANÇA ATRAVÉS DA SALA. SHEILA VESTE UM ROUPÃO EN QUANTO ATRAVESSA PARA O TELEFONE. VAI PARA O LADO MAIS DISTANTE DA ESCRIVANINHA E RESPONDE AO TELEFONE COM AS COSTAS MEIO VOLTADAS PARA A PORTA.



- SHEILA - Alô... (ESCU TA POR VÁRIOS SEGUNDOS) (DEPOIS MAIS ALTO) - Alô. Alô.
- SHEILA NÃO NOTA LESGATE ENQUANTO ESTE VEM DETRÁS DAS CORTINAS; SUAS MÃOS CALÇADAS DE LUVAS SEGURAM CADA UMA DAS EXTREMIDADES DO FINO "CACHEENE" DE SEDA EM QUE FORAM DADOS DOIS NÓS PERTO DO CENTRO. EXATAMENTE QUANDO SHEILA ESTÁ PARA REPOR O FONE NO GANCHO ELE A ATA CA, ATIRANDO O "CACHEENE" POR CIMA DE SUA CABEÇA E PUXANDO-O PARA TRÁS, VIGOROSAMENTE, CONTRA A GARGANTA DELA. COM UM GORGULHAR SUFOCADO, ELA DEIXA CAIR O FONE. LESGATE SEGURA-A PARA TRÁS CONTRA SEU CORPO, MAS AS MÃOS DE SHEILA AGARRAM O "CACHEENE" E ELA TENTA RASGÁ-LO. ELES LUTAM POR UM MOMENTO. ENTÃO LESGATE ENROLA O "CACHEENE" COM A MÃO ESQUERDA NO PESCOÇO DELA E, AO MESMO TEMPO, ELA SE VOLTA DE MODO QUE O DEFRONTA, COM O "CACHEENE" APERTADO POR TRÁS EM SEU PESCOÇO. ELE EMPURRA-A CONTRA A EXTREMIDADE DA ESCRIVANINHA E FORÇA-A PARA BAIXO ATÉ QUE ELA FICA CURVADA PARA TRÁS AO LONGO DO TOPO DA ESCRIVANINHA, COM A CABEÇA NA DIREÇÃO DA FRENTE DO PALCO. NO SEU ESFORÇO PARA APERTAR O "CACHEENE", LESGATE INCLINA-SE POR CIMA DELA DE MODO QUE SEU CORPO QUASE TOCA O DELA. A MÃO DIREITA DE SHEILA SOLTA O "CACHEENE" E AGITA-SE POR CIMA DA EXTREMIDADE DA ESCRIVANINHA, TATEANDO PELA TESOURA. AGARRA-A E FERRE COM UMA DAS PONTAS NAS COSTAS DE LESGATE. TRÊS GOLPES RÁPIDOS: NO TERCEIRO A TESOURA SE CRAVA. LESGATE CAI POR CIMA DELA E DEPOIS ROLA MUITO LENTAMENTE POR CIMA DO LADO ESQUERDO DA ESCRIVANINHA, TOMBANDO DE COSTAS NO CHÃO COM UM GEMIDO SUFOCADO. SHEILA CONTINUA JAZENDO DE COSTAS POR CIMA DA ESCRIVANINHA, COMPLETAMENTE EXAUSTA. ENTÃO ELA PROCURA FIRMAR OS PÉS, ESFORÇANDO-SE TODO O TEMPO PARA TOMAR FÔLEGO, ARRANCA O "CACHEENE" DA GARGANTA MAS ESTE FICA ENLAÇADO EM VOLTA DE SEUS OMBROS. AGARRA O FONE, A PRINCÍPIO TEM DIFICULDADE DE FALAR.
- SHEILA - (NO FONE) - Alô... (MAIS ALTO) - Alô. (DUVE-SE UM "ALÔ" DE TONY PROVENIENTE DO RECEPTOR) - Chame a polícia... depressa... polícia... (PAUSA) - quem fala? Tony?... Oh, graças a Deus. Tony, volte imediatamente... (PAUSA) - ...não posso explicar agora... (PÂNICO)... Volte já... Por favor... Um homem... ele me



- SHEILA - ...atacou... tentou me estrangular... com uma mão. Não, ele... está morto. Está morto... Não, não, não vou fazer coisa nenhuma... (PÂNICO. ZANGADA) Sim, prometo, mas por favor, ande depressa.
- ELA SE VOLTA PARA A JANELA, PUXA UMA CORTINA PARA O LADO E PROCURA ABRIR A JANELA (QUE ESTÁ DESAFERROLHADA) E CAMBALEIA PARA FORA. FICA DE PÉ LOGO FORA DA JANELA POR ALGUNS SEGUNDOS, PROCURANDO RESPIRAÇÃO. DEPOIS VOLTA PARA DENTRO DA SALA, DEIXANDO A JANELA COMPLETAMENTE ABERTA. PARECE MEIO ATORDOADA E MAL SABE ONDE ESTÁ E O QUE ESTÁ FAZENDO. NESSE ÍTERIM, O "CACHEENE" CAI DE SEUS OMBROS. LESGATE ESTÁ DEITADO DE COSTAS NO ASSOALHO, DO LADO ESQUERDO DA ESCRIVANINHA. ELA DÁ COM A VISTA NELE. DURANTE UM OU DOIS SEGUNDOS ELA O FITA, ATERRORIZADA. MAS FASCINADA, COMEÇA A SOLUÇAR DE PAVOR. COLOCA O FONE DE NOVO NO GANCHO E ATRAVESSA A SALA QUASE CORRENDO PARA O QUARTO. BATE A PORTA ATRÁS DE SI E FECHA-A À CHAVE. DEPOIS DESLIGA O RÁDIO; A SALA ESTÁ AGORA ILUMINADA APENAS PELA LUZ DA LAREIRA ACESA E PELA FRACA LUZ QUE ENTRA PELA JANELA ABERTA. (PAUSA) - OUVI-SE BARULHO DA PORTA DA RUA ABRINDO-SE, E O SOM DE PASSOS CORRENDO AO LONGO DO CORREDOR. UMA CHAVE TILINTA NA PORTA DO VESTÍBULO E TONY ENTRA. ELE ESTEVE CORRENDO E ESTÁ SEM FÔLEGO. ACENDE AS LUZES DO ALTO E OLHA ATRAVÉS DA SALA PARA LESGATE. TONY FICA COMPLETAMENTE SILENCIOSO POR UM INSTANTE. SEUS OLHOS MOVEM-SE DE LESGATE PARA A BOLSA DE MÃO DE SHEILA QUE AINDA ESTÁ SOBRE A MESA OBLONGA. DEPOIS, OLHA NOVAMENTE PARA LESGATE. VOLTA-SE SÚBITAMENTE E TIRA A CHAVE DA FECHADURA E PÕE-NA DE VOLTA NO BOLSO DE SUA CAPA. FECHA A PORTA DO VESTÍBULO MUITO SILENCIOSAMENTE... OLHA NA DIREÇÃO DA PORTA DO QUARTO. DEPOIS, INCLINA-SE PARA DIANTE E COMEÇA A APALPAR OS BOLSOS DA CAPA DE LESGATE. PRINCIPIA A FICAR LIGEIRAMENTE EM PÂNICO QUANDO NÃO ENCONTRA O QUE ESTAVA BUSCANDO. UMA CHAVE DÁ VOLTA NA FECHADURA DA PORTA DO QUARTO. TONY ERGUE O BUSTO LIGEIRAMENTE, AO MESMO TEMPO QUE SHEILA ENTRA CORRENDO NA DIREÇÃO DE TONY. DURANTE UM MOMENTO TONY FITA-A. DEPOIS LEVANTA-SE E VAI PARA ELA.
- TONY - Oh, minha querida...
- SHEILA LANÇA LENTAMENTE OS BRAÇOS EM VOLTA DE TONY E PARECE UMA CRIANÇA ABANDONADA.



- SHEILA - Ele... está morto?
- TONY - Quando ele caiu, a tesoura se cravou ainda mais no corpo dele.
- SHEILA - (VOLTANDO-SE) - É horrível. Você não pode...
- TONY - Posso... já vou.
- TONY SAI RÁPIDAMENTE PARA O QUARTO. SHEILA ESTÁ À ESQUERDA COM OS OLHOS PREGADOS NO FOGO. SUBITAMENTE ELA LEVA A MÃO À CABEÇA. VOLTA-SE E OLHA EM REDOR DA SALA. VÊ SUA BOLSA DE MÃO EM CIMA DA MESA OBLONGA. ABRE-A E COMEÇA A VASCULHÁ-LA. TONY ENTRA VINDO DO QUARTO COM UM LENÇOL. QUANDO PERCEBE O QUE SHEILA ESTÁ FAZENDO, PARA INANIMADO E FITA-A COM HORROR.
- TONY - (SEVERAMENTE) - Que é que está fazendo?
- SHEILA - (TIRANDO UM VIDRO DE ASPIRINA) - Quer me dar um pouco de água, por favor?
- SHEILA LARGA A BOLSA EM CIMA DA MESA. TONY ENCHE O COPO DE ÁGUA NO PORTA BEBIDAS E ENTREGA-O À SHEILA, QUE ENGOLE UMA ASPIRINA E TOMA UM GOLE. TONY ATIRA O LENÇOL SOBRE LESGATE.
- TONY - Pronto... assim está melhor.
- SHEILA - Feche a janela, por favor.
- TONY - Não, não devemos tocar coisa alguma até que a polícia chegue. (OLHANDO A JANELA ABERTA) - Deve ter entrado por aí... (OLHANDO EM VOLTA DA SALA) - Só queria saber o que ele estava procurando... (OLHANDO PARA A PRATELEIRA)-Vai ver que eram aquelas taças...
- TONY RELANCEIA EM VOLTA PARA A MALA DE COURO QUE CONTINUA INTACTA PERTO DO APARADOR;
- SHEILA - E a polícia? Quando é que chega?
- TONY - (ASSUSTADO) - Você já telefonou?
- SHEILA - Não. Você me disse para não falar com ninguém. Não seria melhor telefonar agora?... (PAUSA)
- TONY - Pois é... Já vou telefonar, dentro de um instante.
- SHEILA - Eu vou me vestir.
- SHEILA DIRIGE-SE PARA A PORTA DO QUARTO E DEPOIS VOLTA-SE.
- SHEILA - Tony.
- TONY - Que é?
- SHEILA - Para que foi que você me telefonou?
- TONY ESTÁ OLHANDO PARA ELA.

- TONY - (PAUSA) - Como? Oh, desculpe... eu vou falar a essas res-
peito mais tarde. Agora, pense numa coisa. Você
se que ele tinha usado uma meia...
- SHEILA - Eu penso que era uma meia... ou um "cacheene". Não está
aí?
- TONY - (OLHANDO EM VOLTA) - Não. Mas espero que eles o encon-
trem. Agora, vá se deitar. Vou telefonar imediatamente
à polícia.
- TONY VAI À SHEILA E, TOMANDO-A DOCEMENTE PELOS OMBROS,
GUIA-A PARA DENTRO DO QUARTO. DEPOIS DE VÁRIOS SEGUNDOS
ELE SAI OUTRA VEZ E FECHA A PORTA. ENTÃO, ANDANDO MUITO
RÁPIDAMENTE, VAI PARA LESGATE E TIRA O LENÇOL. ENQUANTO
BUSCA NOS BOLSOS DA CAPA DE LESGATE, CONSERVA-SE RELAN-
CEANDO PARA A PORTA DO QUARTO. FINALMENTE TIRA A CHAVE
DA PORTA DE UM BOLSO DA CAPA DE LESGATE. DÁ UM SUSPIRO
DE ALÍVIO E VAI DIRETO À MESA OBLONGA. EXAMINA AS MÃOS
PARA VER SE NÃO ESTÃO MANCHADAS DE SANGUE. DEPOIS ABRE
A BOLSA DE MÃO, TIRA DE DENTRO A BOLSINHA DE FECHO "E-
CLAIR", ABRE-A E METE A CHAVE DENTRO. FECHA A BOLSINHA
E COLOCA-A NA BOLSA GRANDE. DEPOIS FECHA ESTA E PÕE-NA
EM CIMA DA MESA. DÁ OUTRO SUSPIRO DE ALÍVIO E ABAIXAN-
DO-SE COBRE LESGATE COM O LENÇOL. ENTÃO APANHA O FONE
OUTRA VEZ E DISCA "0"; ENQUANTO ELE FAZ ISSO, SHEILA A
PARECE NOVAMENTE À PORTA DO QUARTO.
- SHEILA - Onde está Max, Tony?
- TONY - Eu lhe disse que fosse diretamente para casa...Central?
... Ligue-me para a polícia do Distrito de Charrington,
imediatamente.
- SHEILA - Você disse a Max o que se passou?
- TONY - Não. Eu não sabia ao certo o que tinha acontecido. Poris-
so, disse-lhe apenas que estava se sentindo mal... Que-
rida, vá para a cama e... (SHEILA FECHA A PORTA) - Po-
lícia? Quero notificar um acidente horrível... um ho-
mem foi morto... Wendice... não...Dice... Charrington
Gardens, 61. Pavimento térreo... (PAUSA) - Faz cerca de
10 minutos. Ele arrombou a porta e atacou minha mulher
... (IMPACIENTE) - Um ladrão, sim. Eu explicarei tudo
quando aqui chegarem. Quanto tempo é que vai demorar?
Dois minutos? Não, não tocaremos em coisa alguma... a-
té já.

DESLIGA E OLHA EM VOLTA DA SALA. VAI PARA A ESCRITINHA E OLHA EM VOLTA DE TÔDA ELA ANSIOSAMENTE. OLHA PARA A JA NELA ABERTA, SAI PARA O TERRAÇO. ABAIXA-SE E APANHA ALGO DEPOIS VOLTA PARA DENTRO DA SALA. ESTÁ SEGURANDO CADA U-MA DAS EXTREMIDADES DO "CACHEENE" DE LESGATE COM OS DOIS NÓS ATADOS NO CENTRO. ANDA PENSATIVAMENTE PARA O CENTRO DO TERRAÇO, OLHANDO TODO O TEMPO PARA O "CACHEENE". DEPOIS ATRAVESSA PARA A CESTA DE COSTURAS, PROCURA DENTRO DELA E ACHA UMA MEIA DE MULHER. LEVANTA O "CACHEENE" E A MEIA, COMPARANDO-OS. ATRAVESSA O CENTRO E PÕE O "CACHEENE" E A MEIA EM CIMA DO TAMBORETE E TIRA A CARTEIRA DO BOLSO.

SHEILA -(FORA - VIVAMENTE) - Tony...

TONY -(RESPONDENDO) - Não se preocupe querida. A polícia virá num minuto.

TONY AJOELHA-SE AO LADO DO CORPO. TIRA A CARTA DE MAX DE SUA CARTEIRA, E ESTÁ PARA PÔ-LA NO BOLSO DE LESGATE QUANDO

O

PANO

CAI.

SEGUNDO ATO

Terceiro Quadro

O MESMO CENÁRIO. DOMINGO DE MANHÃ: 11 HORAS. AS CORTINAS ESTÃO ABERTAS E ESTÁ CLARO E ENSOLARADO DO LADO DE FORA. A CESTA DE PAPÉIS USADOS FOI ESVAZIADA. O CORPO DE LESGATE FOI RETIRADO, MAS O LENÇOL DOBRADO OUTRA VEZ AINDA ESTÁ SOBRE O "LOCAL", PARA OCULTAR AS MANCHAS DE SANGUE; O FOGO ESTÁ APAGADO E NÃO FOI TOCADO DESDE A NOITE ANTERIOR. A LOUÇA SUJA DO CAFÉ DA MANHÃ ESTÁ EM PARTE SOBRE A MESA REDONDA, EM PARTE SOBRE UM CARRINHO DE CHÁ À DIREITA DO SOFÁ. SHEILA ESTÁ AINDA MUITO NERVOSA. ELA ESTÁ DE PÉ PERTO DA JANELA. ENQUANTO O PANO SOBE, TONY ENTRA VINDO DO QUARTO E COMEÇA A ARRUMAR A LOUÇA NO CARRO DE CHÁ.

SHEILA -Mais café?...

TONY - (DISTANTE) - Não, obrigado.

SHEILA -Seria melhor telefonar para Max (CALMA) e contar-lhe tudo.



- TONY - Já telefonei. Ele deve estar a caminho. (LEMBROU-SE DE ALGUMA COISA) - Querida, antes que eu me esqueça: o inspetor quis saber porque foi que você não telefonou à polícia imediatamente...
- SHEILA - (CONFUSA) - Mas como? Você estava ao telefone...
- TONY - Eu sei querida. Mas, eu contei ao inspetor uma história ligeiramente diferente.
- SHEILA - Por que?...
- TONY - Eu disse que você não chamou a polícia porque supôs naturalmente que eu o faria do próprio hotel onde me encontrava. (PAUSA)
- SHEILA - Porque você disse isso?
- TONY - Porque... era a explicação perfeitamente lógica... e ele aceitou-a. Você compreende. Se a polícia pensasse que demoramos a comunicar o acidente, mesmo alguns minutos, poderia ficar curiosa e fazer uma porção de perguntas e...
- SHEILA - Quer que diga exatamente a mesma coisa?
- TONY - É melhor. (A CAMPAINHA DA PORTA TOCA) - No caso de vir à baila outra vez. Creio que é Max. (EMPURRA O CARRO DE CHÁ NA DIREÇÃO DA COZINHA) - Faça-o entrar, sim, querida? Eu já vou levar isto.
- TONY SAI PARA A COZINHA. SHEILA VAI PARA A PORTA DO VESTÍBULO E ABRE-A. O DETETIVE, INSPETOR HUBBARD, ESTÁ PARADO NO CORREDOR DO LADO DE FORA. ELE TEM 45 ANOS. SUAS MANEIRAS SÃO USUALMENTE CORTESES E CONTROLADAS. MAS, DE VEZ EM QUANDO ELE DEMONSTRA UM LAMPEJO DE TEMPERAMENTO QUE PODE SER UM TANTO ASSUSTADOR. SENTE-SE QUE ELE É ALGUÉM QUE DEVE SER LEVADO EM CONTA.
- HUBBARD - (TIRA O CHAPÉU) - Bom dia, minha senhora.
- SHEILA - (ESPANTO) - Oh, bom dia.
- HUBBARD - É a Sra. Wendice?
- SHEILA - Sim.
- HUBBARD - Eu sou funcionário da polícia. (PAUSA) - Me dá licença de entrar?
- SHEILA - Como não? (NERVOSAMENTE) - Com licença. Vou dizer ao meu marido que o senhor está aqui.
- HUBBARD - Obrigado.
- SHEILA SAI PARA A COZINHA. HUBBARD OLHA EM VOLTA À PROCURA DE UM CABIDE PARA PENDURAR O CHAPÉU. VÊ O CABIDE AO LADO DA PORTA E PENDURA-O. VEM AO CENTRO E EXAMINA O



LOCAL, TIRANDO SUAS CONCLUSÕES. OLHA DELIBERADAMENTE PELO LENÇOL PARA A JANELA, PARA O TELEFONE, PARA O QUARTO DE DORMIR, DEPOIS OLHA EM VOLTA, ATÉ O CESTO DE COSTURAS, FIXA A VISTA NELE ATÉ SHEILA E TONY ENTRAREM.

TONY - Bom Dia.

HUBBARD- Bom dia, Sr. Wendice. Sou o Inspetor Chefe Hubbard, do Departamento de Investigações.

TONY - Penso que dei ao seu colega todas as informações necessárias.

HUBBARD- Sim. Vi o relatório dele. Mas há ainda algumas coisas que eu gostaria de saber por mim mesmo. (VOLTANDO-SE PARA A PORTA DO QUARTO) - Permitiria que eu passe uma visita pelo apartamento?

TONY - À vontade. O quarto de dormir e o banheiro são aqui... TONY E HUBBARD (ATRÁS DE TONY) ENTRAM PARA DENTRO DO QUARTO. SHEILA COMEÇA A ACOMPANHÁ-LOS. DEPOIS VOLTA. ELA ESTÁ AGORA MUITO NERVOSA. OLHA PARA O LENÇOL NO CHÃO E FIXA-O POR UM MOMENTO. DEPOIS HUBBARD E TONY ENTRAM VINDO DO QUARTO. HUBBARD VOLTA NA FRENTE E PARA NA PORTA, DEIXANDO TONY PASSAR.

HUBBARD- Pelo banheiro é que ele certamente não entrou.

TONY - E a cozinha tem as janelas gradeadas com barra de ferro. TONY ABRE A PORTA DA COZINHA. HUBBARD LANÇA UM OLHAR PARA DENTRO POR UM INSTANTE E DEPOIS VOLTA PARA A SALA.

TONY - Supomos que ele deve ter entrado por estas portas.

HUBBARD- Hum. Soube que o senhor não estava aqui quando isto aconteceu, não é assim?

TONY - Não. Eu estava num jantar no Hotel Grenson. Por singular coincidência, eu estava telefonando para casa, justamente quando minha esposa estava sendo atacada.

HUBBARD- É o que eu soube. Poderia me dizer exatamente que horas eram?

TONY - Eu... não estou bem certo.

HUBBARD- O sr. telefonou para a polícia às onze horas e nove minutos.

TONY - Deixe-me ver... nesse caso deve ter sido... pouco depois das onze. A propósito... Não quer sentar-se, Inspetor?

HUBBARD- Obrigado.

TONY INDICA O SOFÁ A HUBBARD. SENTA-SE. SHEILA SENTA-SE NA CADEIRA DE BRAÇOS. TONY TRAZ O TAMBORETE E SENTA-SE PERTO DO SOFÁ.

SHEILA - Tem alguma idéia de quem ele era?

- HUBBARD - Sim, pelo menos descobriram onde ele morava. Ainda não receba haver certa confusão quanto ao seu verdadeiro nome...
- SHEILA - Ah, é?...
- HUBBARD - Parece ter usado vários nomes. (SÚBITAMENTE OLHANDO PARA SHEILA) - A sra. já o tinha visto antes?...
- SHEILA - (DESORIENTADA) - Não, nunca na vida.
- HUBBARD PUXA O SEU CADERNO DE NOTAS E APRESENTA DOIS INSTANTÂNEOS. ENTREGA-OS A SHEILA, UM A UM, E OBSERVA A ATENTAMENTE ENQUANTO ELA OS CONTEMPLA E OS DEVOLVE.
- SHEILA - Isto... é ele?...
- HUBBARD - Sim. Não o reconhece?
- SHEILA - Eu... eu nunca o vi...
- HUBBARD - Nem mesmo vislumbrou o seu rosto?
- SHEILA - Não. O sr. compreende. Ele me atacou pelas costas e estava tudo escuro. Eu nunca o vi. Em absoluto.
- HUBBARD - E quanto ao sr.? Já viu esse homem alguma vez? ENTREGA UMA DAS FOTOGRAFIAS A TONY QUE A OLHA E DEVOLVE.
- TONY - Não. (HUBBARD ENTREGA-LHE A OUTRA. OLHANDO-A) - Não... (DEVOLVE-A) - Pelo menos...
- HUBBARD - Sim?...
- TONY - (ESPANTADO) - É muito parecido com alguém que foi meu colega de Universidade... o bigode é que o torna diferente...
- HUBBARD - Como se chama ele?;;;
- TONY - Agora que o senhor está perguntando... é que vejo que me esqueci do nome. Já faz mais de 15 anos que deixei a Universidade.
- HUBBARD - Era Leegate?
- TONY - Não?
- HUBBARD - Wilson?
- TONY - Não!
- HUBBARD - Swann?
- TONY - Swann... Espere... Swann... Pois é isso mesmo. (VAI A PANHAR A FOTO NA PAREDE) - Olhe, aqui está uma fotografia antiga, que foi tirada num jantar de confraternização. Fomos colegas. É ele... é inacreditável...
- HUBBARD - O sr. o conhecia bem?
- TONY - Não. Ele era bem mais velho do que eu. Saiu logo depois que entrei.



- HUBBARD - O sr. o encontrou desde então?
- TONY - Não... pelo menos... agora me lembro, eu o vi. Não sei há quantos meses. Foi numa estação ferroviária... A de Waterloo, creio. Lembro-me de ter notado como ele mudara pouco.
- HUBBARD - Sra. Wendice... quer fazer o favor de demonstrar-me exatamente o que aconteceu à noite passada?
- SHEILA - Eu estava na cama quando o telefone tocou. Levantei-me e entrei aqui. Fiquei de pé, aqui. Apanhei o fone.
- HUBBARD - Para que rodar a escrivadinha? Eu teria apanhado o fone daqui. (APANHA O FONE COM A MÃO DIREITA E DEPOIS COLOCA-O NO MESMO LUGAR).
- SHEILA - Mas eu sempre atendo ao telefone deste lado.
- HUBBARD - Por que?
- SHEILA - Para poder segurar o fone com a mão esquerda, se tiver que tomar nota de alguma coisa. (PÕE A MÃO ESQUERDA EM CIMA DO FONE).
- HUBBARD - Compreendo. Muito bem, continue.
- SHEILA - Eu apanhei o fone. Aí ele deve ter se aproximado detrás da cortina para atacar-me. Pôs alguma coisa em torno do meu pescoço...
- HUBBARD - Alguma coisa? O que é que a senhora quer dizer com "alguma coisa?"
- SHEILA - Acho que foi uma meia.
- HUBBARD - As cortinas estavam fechadas?
- SHEILA - Sim, estavam.
- TONY - Eu as fechei, Inspetor, antes de sair.
- HUBBARD - O sr. está perfeitamente certo disso?
- TONY - Perfeitamente. Eu sempre fecho a porta quando corro as cortinas.
- HUBBARD - Então, como supõe que ele entrou nesta sala? (TONY LANÇA UM RÁPIDO OLHAR PARA SHEILA);
- TONY - Pensamos que ele devia ter arrombado a porta...
- HUBBARD - Não há nenhum sinal de arrombamento. O fecho está perfeito.
- TONY - Mas quando voltei, a janela estava escancarada. (A SHEILA) - Tem certeza de que não deu uma volta pelo jardim e se esqueceu de fechar depois?
- SHEILA - Eu saí por um momento. Mas só depois... depois que ele me atacou. Queria tomar um pouco de ar. Empurrei a janela e fiquei de pé no terraço, do lado de fora.

- HUBBARD - A sra. disse que empurrou a janela e abriu-a. Esta certa de que não puxou o trinco primeiro?
- SHEILA - Sim, estou certa.
- HUBBARD - O trinco já estava aberto?
- SHEILA - Eu... eu não me lembro.
- HUBBARD - (LENTO) - Na realidade, nós estamos absolutamente certos de que ele entrou por esta porta. (ABRE-A ALGUNS CENTÍMETROS E FECHA-A COM UM ESTALO. DEPOIS OLHA PARA SHEILA).
- SHEILA - Ela estava fechada.
- HUBBARD - Quantas chaves tem esta porta?
- SHEILA - Somente duas. A minha estava na minha bolsa... e (a TONY) - você tinha levado a sua...
- TONY - Perfeitamente. Por que é que pensa que ele entrou pela porta?
- HUBBARD - (MUITO SIMPLEMENTE) - Os sapatos dele. O chão estava molhado a noite passada... Se ele tivesse entrado pelo jardim, teria deixado marcas em todo o tapete. (PAUSA) - Ele não deixou nenhuma, porque limpou os sapatos no capacho da porta da frente.
- TONY - Como é que o senhor sabe?
- HUBBARD - Porque o capacho é bastante novo e algumas das fibras aderiram aos seus sapatos.
- TONY - Mas, certamente... (SÚBITAMENTE) - Espere um instante, eu penso que descobri. (A SHEILA) - Lembra-se de quando a sua bolsa foi roubada?
- SHEILA - Lembro.
- HUBBARD - (INTERESSADO) - Um momento... Eu gostaria de saber a respeito disto. Que espécie de bolsa era?...
- TONY - Uma carteira de mão, Inspetor. Minha mulher a perdeu na Estação Vitória.
- SHEILA - Uns quinze dias depois, eu a recebi de volta do depósito de objetos perdidos.
- HUBBARD - Estava faltando alguma coisa?...
- SHEILA - Tinham tirado todo o dinheiro.
- HUBBARD - Alguma coisa mais? (SHEILA PARECE INCERTA NO QUE VAI DIZER).
- SHEILA - Não.
- HUBBARD - Não tinha documentos, ou cartas?
- SHEILA - Não.
- HUBBARD - (SÚBITA ÊNFASE) - A sra. está absolutamente certa disso?
- SHEILA - (DECIDIDA) - Estou.

- HUBBARD - E a chave estava dentro da bolsa quando a sra. a perdeu?
- SHEILA - Sim, mas ainda estava lá quando me foi devolvida.
- TONY - A pessoa que tivesse furtado esse dinheiro poderia mandado duplicar a chave.
- HUBBARD - Sei. Ele poderia ter mandado copiar a chave do apartamento e poderia tê-la usado para abrir esta porta, ... mas, seguramente, não foi o que fez.
- TONY - Por que não?
- HUBBARD - Porque se o tivesse feito, a chave ainda estaria em seu poder quando ele morreu. Mas, quando lhe revistamos os bolsos não foi encontrada chave alguma... (PAUSA).
- TONY - Compreendo. Bem... Parece que voltamos ao ponto de partida.
- HUBBARD - Não bem. (PAUSA) - O sr. disse que viu esse homem na estação de Waterloo, não foi?
- TONY - Sim.
- HUBBARD - Está certo que não foi... na estação Vitória? (TONY PENSA POR UM MOMENTO).
- TONY - Pode ter sido. (VOLTANDO-SE PARA SHEILA, EXCITADO) - Quando você perdeu a bolsa? Não foi naquele fim de semana que fomos à casa de Peggy? Sim, foi. Foi na estação Vitória. Agora me lembro. Eu estava sentado no salão de chá quando o vi.
- HUBBARD - (A SHEILA) - Foi lá que a sra. deixou a sua bolsa?
- TONY - Foi, sim. (A SHEILA) - Eu até lhe disse: ali está alguém que foi meu colega de Universidade.
- SHEILA - Não me lembro. (TONY OLHA PARA HUBBARD, QUE OLHA PARA SHEILA).
- HUBBARD - Parece que ele pode ter tido algo que ver com essa bolsa. Costaria que ambos fizessem uma declaração oficial antes do inquérito. (PAUSA) - Meu gabinete é apenas alguns minutos daqui. Talvez pudessem ir comigo agora, não?
- CAMPAINHA DA PORTA.
- TONY - Com licença. (TONY ABRE A PORTA DO VESTÍBULO E MAX ENTRA. A PRINCÍPIO ELE NÃO NOTA HUBBARD).
- MAX - Olá Tony. (DIRIGE-SE PARA SHEILA E ENTÃO VÊ HUBBARD) - Sheila, oh, desculpe. Eu não sabia.
- TONY - Max, apresento-lhe o Inspetor Hubbard.
- MAX - (DISTRÁIDO) - Prazer em conhecê-lo.
- TONY - O sr. Holliday, Inspetor. Ele estava comigo a noite passada.

- MAX - Muito prazer... (BESTIFICADO).
- HUBBARD - Como o sr. esteve com o sr. Wendice a noite passada, o senhor poderá nos ajudar, sr. Holliday! O sr. observou que horas eram quando ele foi ao telefone? (MAX PENSA UM MOMENTO).
- MAX - Sim... era um pouco depois das onze horas.
- HUBBARD - Muito obrigado. Como vê, foi quando a sra. Wendice veio aqui para atender a seu chamado que ela foi atacada.
- MAX - (A TONY) - Você quer dizer que estava telefonando a ela?
- TONY - Sim.
- MAX - Mas eu não compreendo isso. Eu lhe perguntei se íamos partir e você me disse que ia apenas telefonar... ao sr. Burgis.
- TONY - (AFETADAMENTE) - Na verdade, eu não cheguei a telefonar ao meu amigo. Não conseguia me lembrar do número... de modo que resolvi ligar para minha mulher para pedir que verificasse no livro de endereços da escrivadinha.
- HUBBARD - Compreendo. (A MAX) - O sr. e sra. Wendice vão agora ao meu gabinete para prestar suas declarações. (TIRANDO UM LIVRO DE NOTAS DE BOLSO) - O sr. quer fazer o favor de me comunicar o seu endereço? Posso precisar do senhor? (TONY SAI PELA PORTA DO VESTÍBULO).
- MAX - Certamente.
- SHEILA - Eu vou buscar o meu casaco. (SAI PARA O QUARTO);
- TONY - Traga o meu também.
- MAX - Eu estou no hotel Carfax 1.
- HUBBARD - (CONFIDENCIALMENTE) - Agora diga-me, sr. Holliday. O que é que ele sabe... a respeito do sr. e da sra. Wendice?...
- MAX - (SOBRESSALTADO) - De que é que o sr. está falando?
- HUBBARD - O sr. escreveu uma carta à sra. Wendice, de New York... E essa carta foi encontrada no bolso interior desse homem. Eu não mencionei nada porque estava certo de que o sr. Wendice não sabia. O sr. tem alguma idéia de como essa carta foi parar lá?
- MAX - Não. (SHEILA ENTRA VINDO DO QUARTO. ESTÁ USANDO UM SOBRETUDO E TRAZ SUA BOLSA DE MÃO).
- HUBBARD - Sra. Wendice. Quando a sra. perdeu a bolsa, perdeu uma carta também? (SHEILA OLHA RÁPIDAMENTE PARA MAX);
- SHEILA - Não... eu...
- MAX - Ela foi encontrada no bolso do tal homem.
- HUBBARD - A sra. perdeu-a... não é verdade?
- SHEILA - Sim, perdi.



- HUBBARD - Eu lhe perguntei isso antes, não foi?...
- SHEILA - Sim, mas o sr. compreende... meu marido não sabe disso.
- HUBBARD - Esse homem lhe fazia chantagem? (NENHUMA RESPOSTA)
- MAX - Isso não adianta, Sheila. Tony agora terá que saber tudo. (TIRA A CARTEIRA DO BOLSO. SHEILA OLHA PARA ELE ATERRIDORIZADA).
- SHEILA - Não!
- MAX - Isto é a única coisa a fazer. Depois que a sra. Wendice perdeu minha carta ela recebeu esses dois bilhetes. (ENTREGA OS DOIS BILHETES DE AMEAÇA A HUBBARD, QUE OS LÊ).
- HUBBARD - (OLHANDO OS CARIMBOS DO CORREIO) - De fevereiro passado. (A SHEILA) - Quantas vezes a sra. viu esse homem?
- SHEILA - (ZANGADA) - Não o vi nunca!
- HUBBARD - (A MAX VIVAMENTE) - Sr. Holliday, eu gostaria que o senhor fosse conosco.
- MAX - Muito bem.
- HUBBARD - A sra. admite que matou o homem. (TONY ENTRA) - A sra. diz que o fez em defesa própria. Sugere que esse homem veio arrombar o seu apartamento. Mas não há nenhum indício disso. Entretanto, há indício de que ela estava fazendo chantagem com a sra.
- TONY - Chantagem?
- HUBBARD - O sr. sugere que ele entrou pela janela...e nós sabemos que ele entrou pela porta.
- SHEILA - (FRENÉTICAMENTE) - Mas ele não pode ter entrado pela porta! Ela estava fechada e só existem duas chaves (PROCURANDO DENTRO DA BOLSA DE MÃO) - Meu marido tinha a dele e a minha estava aqui na minha bolsa... (TIRA A CHAVE DA BOLSA E APRESENTA-A) - Está aqui. (PAUSA).
- HUBBARD - (CALMO) - A sra. poderia tê-lo feito entrar.
- SHEILA - Então o sr. não acredita em que eu tenha sido atacada? (LEVA A MÃO À GARGANTA) - Onde acha que eu recebi essas escoriações na garganta?...
- HUBBARD - A sra. mesma poderia tê-las causado. Foi encontrada uma meia do lado de fora da janela. Tinha dois nós. Isso significa alguma coisa para a sra?
- SHEILA - Imagino que deve ter sido a meia que ele usou.
- HUBBARD - Nós achamos a outra meia deste par enrolada em papel de jornal, no fundo desta cêsta de papéis. Aquelas meias eram suas, não é verdade?... Um dos calcanhares tinha

... sido remendado com uma linha que não combinava perfeitamente. Nós achamos um carretel dessa linha na sua caixa de costuras.

- TONY - Eu já ouvi falar de policiais que deliberadamente estabelecem indícios para justificar condenações. Mas nunca imaginei que isto pudesse acontecer também na Inglaterra.
- SHEILA - Seus homens estiveram aqui durante horas, a noite passada. Eles poderiam facilmente ter tirado essas meias e...
- TONY - Com certeza foi o que eles fizeram. E também esfregaram os sapatos deles no capacho. (AO TELEFONE) - Alô, Roger? ... Graças a Deus você está em casa! Aqui é o Tony Wendice. (PAUSA. SHEILA REPÕE A CHAVE NA BOLSA E SENTA-SE NO SOFÁ) - Escute, nossa casa foi arrombada ontem à noite... e Sheila foi atacada... Não, ela está bem, mas o homem foi morto... Não ria... mas a polícia está insinuando que ela o matou intencionalmente...
- HUBBARD - Se eu fosse o sr. não diria isso.
- TONY - É engraçado, não é? Agora, poderá você vir ao Distrito imediatamente? Distrito policial de Charrington. Obrigado, meu velho... perfeitamente. Até já. (DESLIGA O FONE E DIRIGE-SE A SHEILA) - Está tudo bem querida. Roger vai nos encontrar no distrito policial.
- HUBBARD - Sr. Wendice, eu o aconselharia...
- TONY - Nosso advogado nos dará todos os conselhos de que necessitarmos, obrigado.

TONY E SHEILA ATRAVESSAM PARA O CENTRO. SHEILA PÁRA POR UM INSTANTE E OLHA EM VOLTA DA SALA. PARECE COMPLETAMENTE CONFUSA. DEPOIS, VOLTA-SE E SAI PELA PORTA ENVIDRAÇADA. MAX SEGUE-A PARA FORA. HUBBARD SAI. TONY DÁ UMA RÁPIDA OLHADA EM VOLTA DA SALA. ELE AGORA ESTÁ COM COMPLETO CONTRÔLE DA SITUAÇÃO. TIRA A CHAVE DA FECHADURA E SAI E FECHA A JANELA. FECHA-A DO LADO DE FORA.

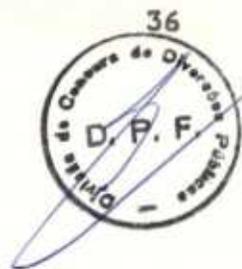
FIM

DO

SEGUNDO

ATO

TERCEIRO ATO



O CENÁRIO É O MESMO. ALGUNS MESES DEPOIS. AO COMEÇO DA TARDE. A MOBÍLIA TEVE A SUA ARRUMAÇÃO ALTERADA. AS COR TINAS ESTÃO ABERTAS, MAS OS POSTIGOS ESTÃO FECHADOS NAS JANELAS, DE MODO QUE EXCLUI TÔDA A LUZ DO EXTERIOR (EXCETO ALGUNS RAIOS DE LUZ, ATRAVÉS DAS FENDAS, SE POSSÍVEL). EM CIMA DA ESCRIVANINHA ESTÃO PEÇAS DE SERVIÇO DE CHÁ, SUJAS, UM POTE DE GELÉIA, UMA GARRAFA DE WHISKI E UM COPO. A CESTA DE PAPÉIS IMPRESTÁVEIS ESTÁ TRANSBORDANDO DE LIXO E PAPÉIS AMARROTADOS. PERTO DESTA HÁ UM SACO DE PAPEL CONTENDO ARTIGOS DE MERCEARIA . À ESQUERDA DA CAMA, ENCOSTADA À PAREDE HÁ UMA MESA OBLONGA. EM CIMA DESTA, UM PEQUENO RÁDIO. À ESQUERDA DO ARCO HÁ UMA CAMA DE SOLTEIRO, O PÉ DA QUAL APONTA PARA FRENTE DO PALCO. A CAMA AINDA NÃO FOI FEITA. O SOFÁ FOI EMPURRADO PARA TRÁS CONTRA A PAREDE, DO LADO ESQUERDO, DE MODO QUE BLOQUEIA COMPLETAMENTE A LAREIRA. ATIRADOS EM CIMA DELE ESTÃO UM ROUPÃO E VÁRIAS OUTRAS PEÇAS DE ROUPAS. A MESA REDONDA, EM FRENTE AO SOFÁ, ESTÁ EMPILHADA DE JORNAIS VELHOS. NO CHÃO, À ESQUERDA DO CENTRO, ESTÁ A MALETA DE COURO DE TONY, COM A TAMPA ABERTA, MEIO CHEIA. HÁ UM AQUECEDOR ELÉTRICO, PORTÁTIL, INSTALADO ENTRE O SOFÁ E A CAMA. QUANTO À SALA, ESTÁ ÀS ESCURAS. OUVI-SE PASSOS NO CORREDOR, DO LADO DE FORA. UMA CHAVE GIRA NA FECHADURA DA PORTA DO VESTÍBULO. TONY ENTRA. ESTÁ COM UMA CAPA DE CHUVA E TRAZ UMA VALI SE DE FIBRA. O CORREDOR DO LADO DE FORA ESTÁ ILUMINADO (LUZ DO DIA). TONY ACENDE AS LUZES DE CIMA, TIRA A CHAVE DA PORTA E PÕE-NA DENTRO DO BOLSO DA CAPA, QUE DESPE E PINDURA À ESQUERDA DA PORTA DO VESTÍBULO. ENTÃO FECHA A PORTA. OLHA O RELÓGIO E ATRAVESSA RÁPIDAMENTE PARA A MESA OBLONGA E LIGA O RÁDIO. ATIRA A VALI SE NA EXTREMIDADE DA CAMA E ATRAVESSANDO PARA O SOFÁ , INCLINA-SE ATRÁS DELE E ACENDE O AQUECEDOR ELÉTRICO. DEPOIS, TIRA DO BOLSO UMA CARTA DATILOGRAFADA E, SENTANDO NA CAMA, EXAMINA-A CUIDADOSAMENTE. LOGO QUE O RÁDIO COMEÇA A FUNCIONAR, ELE LEVANTA A VISTA PARA O MESMO E ESCUTA ATENTAMENTE.

- MAX - Bem. Você só teria que dizer à polícia que contratou Swann para matar a sua mulher.
- TONY - (APENAS PODE OLHAR PARA MAX) - Que idéia mais absurda!
- MAX - Não tem nada demais, Tony. É o tipo de história que eu vivo escrevendo. E em que foi que se baseou o Promotor?
- MAX - Apenas em três coisas: minha carta, a meia de Sheila e o fato de não ter sido encontrada chave alguma em Swann. Por isso, ela mesma devia tê-lo feito entrar. (PAUSA) - Ora, como Swann está morto, você poderia contar o que bem entendeu a respeito dele. Vai poder dizer que se encontraram em qualquer lugar e acertaram juntos todo plano. Agora, falta resolver o aspecto de chantagem. Swann foi só suspeito de chantagem por dois motivos: primeiro, porque minha carta foi encontrada no bolso dele; segundo, porque você disse que o viu no dia em que a bolsa de Sheila foi furtada.
- TONY - E daí?
- MAX - Você poderá dizer à polícia que nunca o viu na Estação Vitória. Que tudo foi invenção sua, para tentar ligar Swann à carta.
- TONY - (REFLETE) - Muito bem. Eu furtei a bolsa e ameacei Sheila. E daí?
- MAX - Daí, você guardou minha carta e colocou-a no bolso de Swann, depois de morto.
- TONY - Quando é que eu poderia ter feito isso?
- MAX - Assim que voltou da festa, pouco antes da polícia chegar. Ao mesmo tempo, você tirou uma das meias de Sheila da cesta de costuras e a substituiu por uma coisa qualquer que Swann tivesse usado para tentar estrangular Sheila.
- TONY - Mas, Max. É absurdo!... Porque é que eu havia de querer mandar matar minha mulher?...
- MAX - Qualquer um dos motivos costumeiros serviriam. Sheila havia feito um testamento? (PAUSA).
- TONY - Eu... sim, creio que ela fez!
- MAX - E é você o beneficiário?
- TONY - Acho que sim.
- MAX - Pronto! Está aí! Pss.

ELES PARAM E ESCUTAM. HÁ PASSOS NO CORREDOR. DEPOIS A CAMPAINHA DA PORTA TOCA. ELES SE ENTREOLHAM, TONY VAI ABRIR. MAX FAZ BARULHO COM OS DEDOS PARA CHAMAR A ATENÇÃO DE TONY. FAZ SINAL PARA ESPERAR E ATRAVESSA SILENCIOSAMENTE E SAI PARA A COZINHA. QUANDO TONY ABRE A PORTA DO VESTÍBULO, O INSPETOR HUBBARD ESTÁ DE PÉ NO CORREDOR DO LADO DE FORA.



- TRAZ UMA CAPA NO BRAÇO E UMA VALISE.
- TONY - Oh, olá, sr. Inspetor. (HUBBARD ENTRA E TONY FECHA A PORTA ANSIOSAMENTE) - É... a respeito de minha mulher?
- HUBBARD - (COM SIMPATIA) - Bem... não é bem isso, Sr. Wendice. HUBBARD PENDURA SUA VALISE NO CABIDE QUE ESTÁ A CAPA DE TONY E DEPOIS PENDURA O CHAPÉU E A CAPA NO PRÓXIMO CABIDE AO LADO.
- HUBBARD - Estou fazendo umas investigações aqui perto com respeito a um roubo que houve há três semanas. O caixa de uma fábrica da rua Ledbury foi atacado em seu escritório e dois homens fugiram com várias centenas de libras, a maioria em cédulas de uma libra.
- TONY - Que é que tem isso a ver comigo?
- HUBBARD - Em casos como este todos os setores da polícia são instruídos para ficarem de olho em qualquer pessoa que esteja gastando grandes somas de dinheiro. Desejava apenas saber se o senhor tinha vendido alguma coisa recentemente, a dinheiro.
- TONY - Por que?
- HUBBARD - Aconteceu que um colega meu estava fazendo investigações outro dia na garage Wales. (PAUSA) - Parece que o sr. pagou uma conta lá recentemente... (OLHANDO PARA O LIVRO DE NOTAS) - no valor de 60 libras. Onde foi que obteve aquelas libras?
- TONY - Isto é de sua conta?
- HUBBARD - Se foi dinheiro roubado, é sim. É de minha conta. (FITANDO O CACHIMBO) - Incomodo se eu fumo?
- TONY - à vontade. (COM UMA RISADA) - Será que o sr. pensa realmente que eu recebi dinheiro roubado?
- HUBBARD - Não posso saber o que pensar, até que me diga onde foi que o obteve, não é mesmo? (APALPA SEUS OMBROS E DEPOIS VAI PARA O VESTÍBULO E TIRA UMA BOLSA DE TABACO, DE UM DOS BOLSOS DE SUA CAPA) - O sr. compreende, se recebeu esse dinheiro de alguém que não conhecia... bem, poderia ser justamente a pessoa que estamos procurando, hein? (INCLINA-SE E PARECE APANHAR ALGUMA COISA NO TAPETE EXATAMENTE ABAIXO DE SUA CAPA) - É sua essa chave? (MOSTRA UMA CHAVE DE PORTA).
- TONY - (ATRAVessa PARA O VESTÍBULO E APALPA OS BOLSOS DE SUA CAPA. DE UM DELES TIRA SUA CHAVE E MOSTRA-A) - Não. A minha está aqui...



- HUBBARD - (AO MESMO TEMPO ABRE A PORTA DO VESTÍBULO E TENTA METÊ-LA NA OUTRA CHAVE NA FECHADURA) - Não. Não é a sua. TONY PÕE SUA CHAVE NOVAMENTE NO BOLSO DA CAPA.
- HUBBARD - Vai ver que é a minha então. (APALPANDO OS BOLSOS DE SUA CAPA) - Ha, e deve ter caído de meu bolso. Tem um bucaquinho aqui. (ANDA ALGUNS PASSOS DE VOLTA PARA A SALA, OLHANDO A CHAVE NA MÃO, CONTINUANDO ENQUANTO ANDA) - Este é o grande inconveniente destas chaves. São todas tão parecidas. (PÕE A CHAVE CUIDADOSAMENTE NO SEU BOLSO) - Desculpe, Sr. Wendice. Que era mesmo que estava dizendo? Oh, sim, a respeito daquele dinheiro. Ficaria muito grato se o sr. me dissesse onde foi que o conseguiu.
- TONY - Ganhei nas corridas de cães.
- HUBBARD - Mais de cem libras?
- TONY OLHA ANSIOSAMENTE NA DIREÇÃO DA COZINHA.
- TONY - (CALMAMENTE) - Sim. Mais de cem libras. Não é a primeira vez que isso acontece.
- HUBBARD - (ANDANDO PARA O VESTÍBULO) - Bem, creio que isso explica tudo, não é mesmo? Lamento ter vindo incomodá-lo neste momento.
- TONY - Incômodo nenhum, imagine.
- HUBBARD - (TIRA O CHAPÉU DO CABIDE E DEPOIS VOLTA-SE PARA TONY) - Oh, há mais uma outra pergunta. Será que o sr. possui uma pequena valise de fibra?
- TONY - Não me diga que já foi encontrada.
- HUBBARD - (VOLTA PARA A SALA. PÕE O CHAPÉU NA EXTREMIDADE DA CAMA, ISTO É, EXATAMENTE ACIMA DA VALISE) - Por que? O sr. a perdeu?
- TONY - Sim, eu ia notificar à polícia hoje mesmo. Creio que a deixei no táxi. Como foi que o sr. soube dessa valise, Inspetor?
- HUBBARD - Na garage nos disseram que o sr. a tinha em seu poder quando pagou a sua conta. Bem, esses choferes de táxi são muito bons para devolverem as coisas. Espero que o sr. a encontre logo. (MAX ENTRA) - Oh, sr. Holliday. (ENQUANTO HUBBARD APANHA O CHAPÉU NA CAMA).
- MAX - Sr. Inspetor, antes de o sr. partir, creio que o sr. Wendice tem alguma coisa para lhe dizer.
- TONY - O que é que aconteceu com você?

- MAX - (INDO PARA A CAMA) - Ainda agora há pouco havia uma valise aqui mesmo. Não me posso lembrar exatamente onde a vi, mas... (LEVANTA O ROUPÃO DE TONY E BEBELETA A VALISE. LEVA-A ATÉ A ESCRIVANINHA E TENTA ABRI-LA, MAS ESTÁ FECHADA. CALMAMENTE) - Tem a chave Tony?
- TONY - Será que você ficou louco?
- MAX - (VAI PARA O SOFÁ, INCLINA-SE ATRÁS DELE E APANHA O ATIÇADOR DA LAREIRA) - Muito bem, se não tem a chave vamos ter que abrir a valise de qualquer outro modo.
- HUBBARD - (A TONY) - Um momento, desculpe. Por que foi que o sr. me disse que deixou isto no taxi?
- TONY - (CALMAMENTE) - Pensei mesmo que tivesse deixado. Não sou um idiota Max. Eu tenho a chave em alguma parte. (PROCURA NOS BOLSOS.) - Não sei para que toda esta agitação... (MAX FIXA SÚBITAMENTE A PONTA DO ATIÇADOR ATRÁS DA FECHADURA E DÁ UMA TORSÃO) - Max, você...
- MAX - Não há de ser nada, Tony. Eu vou lhe comprar uma nova. ABRE A VALISE E TIRA DE DENTRO UM JORNAL VESPERTINO E 6 PACOTES DE NOTAS DE UMA LIBRA. ELE OS COLOCA EM CIMA DA ESCRIVANINHA. DEPOIS EMPILHA OS PACOTES UM A UM. HUBBARD TIRA O CHAPÉU DE CIMA DA CAMA, VAI PARA A ESCRIVANINHA E EXAMINA O DINHEIRO.
- HUBBARD - Deve ter mais de 500 libras aqui. (VOLTANDO-SE PARA TONY) - Onde foi que o sr. conseguiu este dinheiro?
- TONY - (A HUBBARD) - Antes do sr. chegar, Inspetor, ele estava tentando me persuadir para contar à polícia a história mais fantástica que jamais se ouviu. Eu devia dar a entender que tinha subornado Swann para que ele matasse minha mulher. O sr. lembra daquela carta do sr. Holliday? Bem, não teria sido Swann quem a teria roubado, mas eu próprio. Eu teria escrito também aqueles dois bilhetes de ameaças. Eu teria guardado a carta do Sr. Holliday e posto depois no bolso de Swann, depois de morto.
- MAX - (VAI PARA A PORTA DO VESTÍBULO) - (ABRE-A) - Ele disse a Swann que esconderia sua chave em alguma parte aqui fora. (OLHA PARA CIMA E APALPA AO LONGO, ACIMA E FORA DA PORTA) - Provavelmente nesta borda. Swann entrou e depois se escondeu atrás da cortina. Então, Wendice telefonou do hotel, só para obrigar a Sheila a sair do quarto a vir até aqui...



- HUBBARD - Um momento. Se Swann tivesse usado a chave do sr. Wendice, ela ainda estaria com Swann quando ele morreu. Além disso, como foi que o sr. Wendice entrou quando voltou?
- MAX - (VAI PARA A PONTA DO VESTÍBULO E OLHA PARA A PARTE DE CIMA DA BORDA DA PORTA OUTRA VEZ. ENQUANTO FALA, DEMONSTRÁ COM GESTOS LENTOS) - Swann poderia ter apanhado a chave no lugar em que ficou. E depois de abrir a porta, teria recolocado a chave no lugar primitivo, antes de entrar.
- HUBBARD - Muito bem, sr. Holliday. Tudo isto é muito interessante. Mas, não está me ajudando a desvendar aquilo que eu vim saber. Onde foi que o sr. Wendice obteve aquele dinheiro. O resto não me importa.
- TONY - Quer mesmo saber? (A MAX, SECO) - Max, você não vai gostar.
- MAX - Pode dizer. Vamos.
- TONY - Muito bem. Depois não se queixe. (PAUSA) - Quando ela me chamou de volta da festa naquela noite, eu a encontrei ajoelhada ao lado de Swann dando busca nos bolsos dele. Disse que ele tinha alguma coisa que pertencia à ela, e que não conseguia encontrar. No dia seguinte, ela me mostrou esse dinheiro. Exatamente como está agora: todo em notas de uma libra. E me disse: "Se me acontecer alguma coisa, não deixe que descubram isto". (PAUSA) - Depois que ela foi presa, levei o dinheiro naquela valise para a Estação de Charring B. Cross, e deixei-a no depósito de bagagens. Quando eu precisava de dinheiro, retirava a valise, e, depois, guardá-la noutro depósito qualquer. Você compreende... ela estava já para entregar o pagamento àquele chantagista... quando em vez disso, resolveu matá-lo.
- MAX - E você espera que alguém acredite nisso?
- TONY - Francamente, não sei. O sr. o que é que acha, Inspetor? (PAUSA)
- HUBBARD - Bem, o que eu posso dizer é que combina perfeitamente com o veredictum do júri.
- MAX - Quer dizer que nem sequer vai investigar o caso? Sheila terá que morrer amanhã?
- TONY - Max, acho que seria melhor você se retirar.

- MAX - Eu vou embora, sim. Não se preocupe. Mas você costuma enganar um engano. (PAUSA) - O que é que vai acontecer quando ela souber disso? (PAUSA).
- TONY - Certamente ela vai negar tudo.
- MAX - E talvez modifique o testamento. (MAX ABRE A PORTA DO VESTÍBULO. FICA ALÍ PARADO UM MOMENTO COM OS OLHOS CHAMEJANDO) - E aí você teria feito tudo isto à toa. (SAE). DE AGORA EM DIANTE HUBBARD FALA COM TONY MUITO GENTILMENTE, QUASE COMO SE FOSSE ELE UMA CRIANÇA. TONY VOLTA-SE PARA HUBBARD E ESTÁ TREMENDO DE EMOÇÃO.
- TONY - Suponhamos que eu tivesse contado a história dela. Será que alguém teria acreditado?
- HUBBARD - Que esperança! Antes de cada execução, quase sempre alguém se apresenta para contar uma história deste tipo. (INDICANDO O DINHEIRO NA ESCRIVANINHA) - No seu caso, eu poria todo esse dinheiro no banco antes que alguém venha roubá-lo.
- TONY - Obrigado. Acho que vou fazer isso mesmo.
- HUBBARD - (APANHA O CHAPÉU NA CAMA E VAI PARA O VESTÍBULO) - A propósito, pediram para lhe dizer... que há alguns objetos que pertencem à senhora Wendice no distrito policial.
- TONY - Que é?
- HUBBARD - Só uns livros, e uma bolsa. Creio que é tudo. Gostaria que o sr. fosse buscá-los qualquer dia.
- TONY - O sr. quer dizer, depois de amanhã?
- HUBBARD - Sim. Du hoje, se o sr. quiser. Peça ao encarregado da portaria. Ele está a par de tudo. (APANHA A SUA VALISE E A CAPA DE TONY E PÕE ESTA ÚLTIMA NO BRAÇO, ESTENDENDO A MÃO) - Bem, sr. Wendice. Creio que não nos veremos mais.
- TONY - (APERTANDO A MÃO) - Adeus, inspetor, e obrigado.
- HUBBARD SAE PARA A ESQUERDA. TONY OUVI A PORTA BATER E RELAXA-SE. VAI PARA A ESCRIVANINHA E DESPEJA WHISKI NUM COPO E ENGOLE-O. APANHA UM PACOTE DE NOTAS E PASSA A MÃO NAS BORDAS FAZENDO AS NOTAS ESTALAREM COMO UM BARALHO. PA RECE CONTENTE.
- DEPOIS APANHA A VALISE E EXAMINA A FECHADURA. ATIRA-A EM CIMA DA CAMA E OLHA EM REDOR DA SALA. APANHA O SACO DE PAPEL E ESVAZIA O CONTEÚDO DE MERCEARIAS EM CIMA DA ESCRIVANINHA E ENCHE-O COM OS PACOTES DE NOTAS. COBRE-OS COM UM PEDAÇO DE JORNAL. VAI PARA O SOFÁ, INCLINA-SE ATRÁS DELE E APAGA O AQUECEDOR ELÉTRICO. ATRAVESSA O VESTÍBULO COM O SACO DE PAPEL E TIRA A CAPA DE HUBBARD DO CABIDE E ATIRA-A SOBRE O BRAÇO. ABRE A PORTA, QUE FICA FECHADA SÓ COM O TRINCO. OUVI-SE SOM DA PORTA DA RUA A-

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



BRINDO-SE E FECHANDO. O BRILHO VIOLETA DO AQUECEDOR DO MORRE LENTAMENTE DEIXANDO A SALA ÀS ESCURAS. QUINZE SEGUNDOS DEPOIS QUE TONY PARTIU, OUVI-SE O SOM DA CHAVE CENDO NA FECHADURA. A PORTA DO VESTÍBULO SE ABRE E HUBBARD ENTRA. ELE ACENDE UMA LANTERNA DE MÃO E OLHA EM REDOR DA SALA.

OLHA PARA A CHAVE EM SUA MÃO E DEPOIS METE-A CUIDADOSAMENTE NO BOLSO. ATIRA SUA VALISE E A CAPA DE TONY NA CAMA E ATRAVESSA PARA A ESCRIVANINHA. APANHA O FONE E DISCA UM NÚMERO.

HUBBARD- (CALMAMENTE AO TELEFONE) - Alô... aqui fala o Inspetor-Chefe... Ligue-me com o Inspetor O'Brian, depressa. (PAUSA) - O'Brian... é Hubbard... Perfeitamente. Já voltei. Pode começar.

DESLIGA O TELEFONE. OLHA EM REDOR DA ESCRIVANINHA ATÉ ACHAR A CONTA BANCÁRIA DE TONY E COMEÇA A EXAMINÁ-LA OUTRA VEZ. HÁ UM ESTALO AGUDO IMEDIATAMENTE ATRÁS DELE COMO SE UM DOS VIDROS DAS JANELAS FRANCESAS FOSSE QUEBRADO PELO LADO DE FORA. HUBBARD APAGA A LANTERNA E VAI SILENCIOSAMENTE PARA A COZINHA. ALGUÉM ABRE AS JANELAS FRANCESAS MAS OS POSTIÇOS BARRAM-LHE A ENTRADA. UMA FACA É METIDA ATRAVÉS DA GRETA ONDE AS FOLHAS DA JANELA SE ESCONDEM E A HASTE DO TRINCO QUE AS PRENDE É LEVANTADA. AS JANELAS SE ABREM DEIXANDO A LUZ DO DIA PENETRAR NA SALA. MAX ENTRA. VAI IMEDIATAMENTE PARA A ESCRIVANINHA E COMEÇA A PROCURAR ALGUMA COISA. HUBBARD APARECE VINDO DA COZINHA.

HUBBARD- Que é que está procurando? (MAX LEVANTA A VISTA ESPANTADO).
O que é que o sr. pretende?

MAX - Onde é que está o extrato da conta do banco?

HUBBARD- Não se preocupe com isto. O senhor tem que sair daqui depressa. Se quer salvar a Sra. Wendice, fique quieto e deixe tudo por minha conta...

MAX - Por sua conta?...

(SOM DA PORTA DA RUA ABRINDO E FECHANDO E PASSOS NO CORREDOR DO LADO DE FORA. HUBBARD LEVANTA A MÃO PARA CONSERVAR MAX CALADO E DEPOIS APONTA PARA A PORTA).

HUBBARD- Pssiu...

AMBOS FICAM IMÓVEIS OBSERVANDO A PORTA. OUVI-SE O SOM DE ALGUÉM TENTANDO METER A CHAVE NA PORTA. PELEJA POR ALGUNS SEGUNDOS E DEPOIS PARA. A CAMPAINHA DA PORTA TOCA DUAS VEZES: HUBBARD LEVANTA A MÃO OUTRA VEZ PARA REFREAR QUALQUER MOVIMENTO DE MAX; DEPOIS DE VÁRIOS SEGUNDOS OUVEM-SE PASSOS AFASTANDO-SE. SOM DA PORTA DA RUA ABRINDO E FECHANDO. HUBBARD DÁ UM SUSPIRO DE ALÍVIO.



- HUBBARD - Diabos! O sr. quase nos estragou tudo! Eu lhe a chave da porta trancado!
- MAX - Mas que diabo é tudo isto?
- HUBBARD - Dizem que a polícia não é esperta. Mas Deus que livre os detetives amadores!... Vá se preparando para um choque, Sr. Holliday!...
- HUBBARD CONTINUA A OLHAR PARA FORA. ENTÃO SÚBITAMENTE, VOLTA PARA DENTRO DA SALA, FAZENDO SINAL A MAX PARA SE AFASTAR DA JANELA. DEPOIS DE VÁRIOS SEGUNDOS SHEILA ENTRA. ESTÁ COM A MESMA ROUPA QUE ESTAVA USANDO NO FIM DO SEGUNDO ATO, E TRAZ A MESMA BOLSA. PARA NA JANELA QUANDO VÊ OS DOIS HOMENS.
- SHEILA - Olá, Max. (PAUSA) - Onde é que está o Tony?
- MAX - Ele saiu.
- SHEILA - Quando é que volta?
- HUBBARD - Não temos certeza... Está bem Thompson. Foi a senhora quem tocou a campainha agora mesmo?
- SHEILA - Fui. (SURPRESA) - Por que foi que não me abriram a porta?...
- HUBBARD - A senhora tem a chave. Porque é que não a usou?
- SHEILA - Tentei. Mas a chave não entrou na fechadura.
- HUBBARD - E a sra. sabe porque, não é mesmo?
- SHEILA - Não, não sei. (PAUSA) - Será que mudaram a fechadura?
- HUBBARD - Dê-me licença de ver sua bolsa por um momento? A sra. sabia que esta não era a sua chave, não sabia?...
- SHEILA - Não...
- HUBBARD - Não, não creio mesmo que a sra. sabia. Por favor, sra. Wendice.
- HUBBARD PÕE A CHAVE DE VOLTA NA BOLSA GRANDE. DEPOIS ABRE SUA VALISE E PÕE A BOLSA DENTRO. VAI À JANELA E OLHA PARA FORA, GRITANDO PARA DENTRO DO JARDIM.
- HUBBARD - Thompson!
- VOZ - (DO JARDIM) - Pronto!
- HUBBARD - Leve esta valise de volta ao distrito policial.~
- VOZ - Sim, senhor.
- MAX - Sheila, o que é que significa isto? Por que é que você está aqui?
- SHEILA - (COMO SE FOSSE NUM SONHO) - Não sei. (LENTAMENTE) - Há uma hora mais ou menos o carcereiro foi falar comigo. Disse-me apenas que eu tinha que ser levada à casa; Mas



não consegui abrir a porta da entrada. Quando policial ainda estava lá fora e me trouxe aqui dim.

- HUBBARD - Sra. Wendice, temos forte suspeita de que seu marido ti nha planejado assassiná-la.
- SHEILA ENCARA HUBBARD POR UM MOMENTO E DEPOIS VOLTA-SE PARA MAX.
- MAX - É verdade Sheila. Ele contratou Swann para que viesse a qui naquela noite. (A HUBBARD) - Quando° foi que o sr. descobriu?
- HUBBARD - A primeira pista surgiu por acaso. Descobrimos que seu marido gastava notas de uma libra por toda a parte. Ontem à tarde então, fui à prisão pedir para examinar sua bolsa e, nessa ocasião, peguei a sua chave... E hoje de manhã quando seu marido tinha saído, vim aqui para olhar a sua conta corrente. (PAUSA) - Mas, não cheguei a ver, porque nem sequer consegui transpor aquela porta... A sra. compreende, a chave que eu tinha tirado de sua bol sa não cabia na fechadura.
- OUVE-SE TRÊS PANCADAS NO TETO DE CIMA. TODOS OLHAM PARA CIMA E HUBBARD CORRE PARA O VESTÍBULO E APAGA A LUZ.
- HUBBARD - Não façam barulho.
- SOM DA PORTA DA RUA ABRINDO E FECHANDO. PASSOS AO LONGO DO CORREDOR ATÉ A PORTA DO VESTÍBULO ONDE PARAM. LONGA PAUSA E DEPOIS OS PASSOS QUE SE AFASTAM LENTAMENTE. A PORTA DA RUA SE ABRE E SE FECHA. HUBBARD ABRE A PORTA DA RUA E ESCUTA. DEPOIS DE ALGUNS INSTANTES VAE E ABRE A PORTA DO VESTÍBULO;
- HUBBARD - (GRITANDO PARA CIMA) - Williams!
- VOZ - (DE CIMA) - Pronto, sr. Inspetor.
- HUBBARD - Para que lado seguiu?
- VOZ - Na direção do Distrito, sr. Inspetor.
- HUBBARD - Muito bem. (FECHA A PORTA DO VESTÍBULO E ACENDE A LUZ. ATRAVESSA PARA O TELEFONE) - Exatamente o que eu espera va. (APANHA O FONE E DISCA UM NÚMERO) - Alô... O'Brian, aqui é o Inspetor-Chefe. Olhe, ele descobriu a troca da capa... Deve estar agora a caminho do distrito. Será que à Thompson já chegou aí com a bolsa da sra. Wendice?... Ótimo. Agora, preste atenção: dê-lhe aqueles li vros, a bolsa, e trate que veja a chave, sem falta. O melhor será fazê-lo verificar tudo e assinar um recibo. Se ele reclamar sua própria chave e a capa, diga-lhe



que eu fui para Manchester... Mais alguma pergunta? Muito bem. Toque para mim quando ele sair daí do trito... Até logo. (DESLIGA)

DURANTE A CONVERSS TELEFÔNICA ACIMA MAX DIRIGE-SE LENTAMENTE PARA A PORTA DO VESTÍBULO E ABRE-A. OLHA PARA CIMA E PARA A PARTE SUPERIOR DO PORTAL PENSATIVAMENTE. DEPOIS OLHA PARA BAIXO PARA O LOCAL ONDE SWANN MORREU E EM SØGUIDA OUTRA VEZ PARA A BORDA DO PORTAL. APALPA AO LONGO DESTES COM OS DEDOS E PARECE PERPLEXO;

HUBBARD - Como é sr. Holliday, já descobriu?

MAX - (CONFUSO) - Acho que não. (LENTO) - Onde é que foi parar a chave da sra. Wendice?...

HUBBARD ATRAVESSA A PORTA ABERTA PARA O CORREDOR. TIRA A CHAVE DELA BEM DEBAIXO DO TAPETE DA ESCADA - vide 1º ato - E APRESENTA-A. DEPOIS COLOCA-A DE NOVO EXATAMENTE NO MESMO LUGAR.

HUBBARD - (RECOLOCANDO A CHAVE) - Só levei meia hora para encontrá-la.

MAX - Mas, se ela estava lá, por que foi que o Wendice não a usou mesmo?

HUBBARD - Simplesmente porque não imaginava que estivesse lá. Ele ainda pensa que a chave está na bolsa de sua sra. Como vê, o senhor por pouco teria acertado. (A SHEILA) - Ele disse a Swann que deixaria a sua chave aqui debaixo da passadeira da escada e lhe recomendou que a repusesse no mesmo lugar quando partisse. Mas, como o cúmplice foi morto, seu marido naturalmente supôs que a chave estivesse num dos bolsos de Swann. Foi este o seu pequeno êrro. Porque Swann fez exatamente o que o sr. imaginou sr. Holliday. (FAZENDO OS MOVIMENTOS) - Abriu a porta e, depois, recolocou a chave aqui antes de entrar...

MAX - E ele tem estado aí desde aquele momento. (LENTAMENTE)
- E a chave que Wendice tirou do bolso de Swann e colocou na bolsa dela era...

HUBBARD - A chave da casa do próprio Swann! Imagine que nem mesmo eu adivinhei isto imediatamente. A princípio pensei que seu marido tivesse mandado trocar a fechadura. Sempre estranhei que no corpo de Swann não tivesse sido encontrada chave nenhuma. Afinal de contas, a maioria dos homens carregam uma chave consigo. Então, tive uma



idéia. Levei a chave que estava na sua bolsa à casa e consegui logo abrir a porta do apartamento dela.

SHEILA - Porque foi que o sr. me trouxe de volta aqui?

HUBBARD- Porque, além dele, a sra. era a única pessoa possivelmente que poderia ter deixado aquela chave lá fora. Eu tinha que descobrir se a sra. sabia que estava ali. (O TELEFONE TOCA)- Alô... O'Brian... Já saiu? Muito bem! (DESLIGA. A SHEILA) - Tenha mais um pouco de paciência. (ABRE A PORTA DO VESTÍBULO E GRITA PARA CIMA QUASE ALEGREMENTE, ABRINDO A PORTA) - Ok... Williams. O homem já saiu do Distrito.

VOZ - (DE CIMA) - Muito bem sr. Inspetor. (HUBBARD FECHA A PORTA E VERIFICA SE ESTÁ BASTANTE FECHADA).

MAX - (A HUBBARD) - Agora o que vai acontecer?

HUBBARD- Mais cedo ou mais tarde ele terá que voltar aqui. (BATE NO BOLSO DO PEITO) - Como eu tirei a chave dele, o único meio pelo qual poderá entrar é procurando a que está na bolsa. Se essa não servir, ele vai raciocinar e se lembrar de procurar debaixo da passadeira da escada.

MAX - Sei... mas se não fizer isso mesmo?... Tudo isto não passa ainda de simples conjectura... Ainda não podemos provar coisa alguma!

HUBBARD- O sr. tem toda razão. (LENTAMENTE. COM ÊNFASE) - Mas, no momento que ele abrir esta porta... nós saberemos de tudo! OUVEM-SE DUAS PANCADINHAS NO TETO. HUBBARD APAGA A LUZ E VAI FICAR EM PÉ, PERTO DO TELEFONE E DE FRENTE PARA O VESTÍBULO. MAX E SHEILA FICAM DE PÉ AO LADO DO SOFÁ, TAMBÉM DE FRENTE PARA O VESTÍBULO. DEPOIS DE UM LONGO SILÊNCIO...

MAX - (COM BRANDURA) - Está se sentindo bem, Sheila?

SHEILA - (NUM SUSSURRO) - Sim, estou bem. (MAX PÕE OS BRAÇOS EM VOLTA DE SHEILA).

HUBBARD- (EM VOZ BAIXA) - Quietos, agora, os dois!

UM OUTRO LONGO SILÊNCIO E DEPOIS O SOM DA PORTA DA RUA ABRINDO. UMA PAUSA. DEPOIS O BARULHO DE ALGUÉM TENTANDO METER UMA CHAVE NA FECHADURA. DEPOIS UMA LONGA PAUSA. DEPOIS PASSOS VOLTANDO PARA A PORTA DA RUA.

LONGA PAUSA. MAX FECHA A PORTA DO QUARTO SILENCIOSAMENTE E VOLTA PARA SHEILA. ENTÃO OUVEM-SE A PORTA DA RUA ABRINDO MAS NÃO FECHANDO. PASSOS MUITO LENTOS ATÉ A PORTA DO VESTÍBULO. SILÊNCIO POR ALGUNS SEGUNDOS. DEPOIS O SOM DA CHAVE NA FECHADURA. A PORTA SE ABRE. TONY ESTÁ DE PÉ NA PORTA DE ENTRADA.

DA. SEGURA O SACO DE PAPEL COM A BOLSA DE SHEILA DENTRO
PÕE ESTE NO CHÃO À DIREITA DA PORTA. TIRA A CHAVE DA FE-
CHADURA E FITA-A. DEPOIS LANÇA O OLHAR PARA TRÁS DA PORTA
TE. ACENDE A LUZ. DÁ ALGUNS PASSOS PARA DENTRO DA SALA
ANTES DE VER HUBBARD. VOLTA-SE E VÊ SHEILA. FICA DE PÉ
ALÍ COMPLETAMENTE IMÓVEL. ENCARA-A COM UMA EXPRESSÃO TO-
TALMENTE PERPLEXA. FICA ASSIM POR ALGUNS SEGUNDOS: DEPOIS
CORRE PARA A PORTA E ABRE-A. UM DETETIVE AVANÇA PARA A
PASSAGEM DA PORTA E BARRA-LHE A SAÍDA. TONY RECUA PARA
DENTRO DA SALA.

HUBBARD ABRE OS POSTIGOS E AS JANELAS E VOLTA-SE PARA
SHEILA. O SOL PENETRA NA SALA. SHEILA AFASTA O OLHAR DE
TONY. TONY AINDA ESTÁ ENCARANDO SHEILA QUANDO HUBBARD A-
PANHA O FONE E DISCA LENTAMENTE UM NÚMERO.

F I M